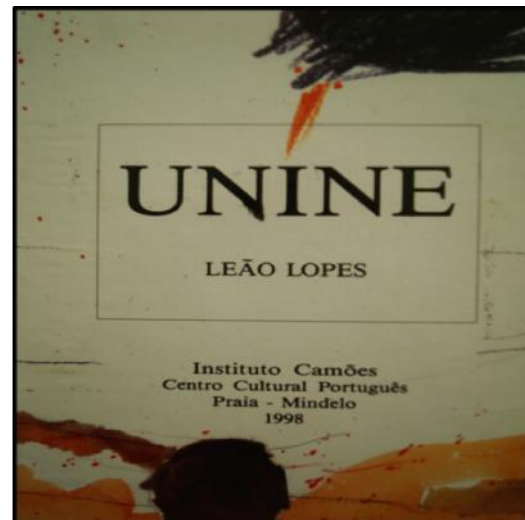
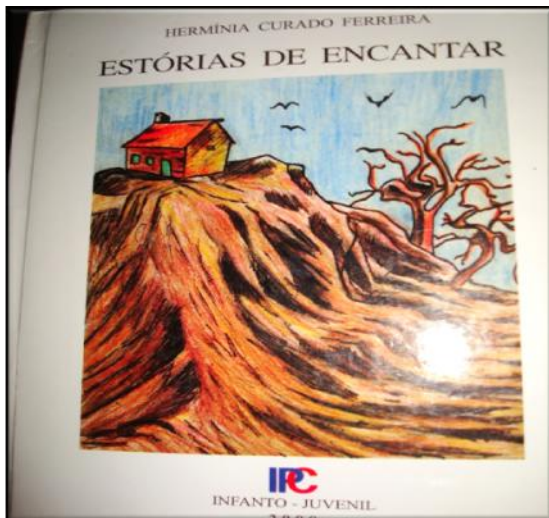




Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Curso: Estudos Cabo-verdianos e Portugueses

Ângela Furtado Lopes Cidário
A Literatura infantil como um fenómeno
identitário
- estudo de caso -



Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses
Sob orientação da Dr^a. Fátima Fernandes
Uni-CV, Setembro de 2009

UNIVERSIDADE DE CABO VERDE

***A Literatura infantil como um
fenómeno identitário***
-estudo de caso-

Trabalho científico apresentado na UNI-CV para obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e portugueses, sob a orientação da Dr^a. Fátima Fernandes.

Uni-CV, Setembro de 2009

Aprovado pelos membros do Júri homologado pelo Conselho Científico como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses.

O Júri:

Presidente: _____

Arguente: _____

Orientador: _____

Unicv, Praia, ____/____/09

Dedicatória

Este trabalho é dedicado com amor aos meus filhos Elvis e Elber Cidário e à minha mãe.

Aos meus colegas do curso, especialmente à Elisângela, à Suely, à Angélica, à Merlina Ester, à Leila, ao Diamantino, à Àurea Helena, à Maria do Céu e a todas as pessoas que acreditaram em mim e que amam o ensino.

Agradecimentos

Este trabalho pretende encerrar as actividades científicas do curso de Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses. O percurso feito até aqui não foi uma tarefa fácil e seria mais difícil senão impossível caso não tivéssemos tido o apoio de várias pessoas que não mediram esforços em nos ajudar com materiais didácticos.

À minha orientadora por ter aceite este desafio, pelos seus ensinamentos, paciência e sabedoria, pelas horas dispensadas para que este trabalho pudesse seguir todos os parâmetros, a minha profunda gratidão.

Ao Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões e à minha amiga Sandra Bibliotecária da Biblioteca Nacional.

Ao meu marido pelo apoio dado sempre que precisei.

Às minhas amigas Dulce e Marli, às minhas sobrinhas Anderlina e Fátima por me terem estendido a mão quando necessitei.

Aos meus amigos Vanina Fonseca, Ibraltino e Niltom pelo apoio técnico.

Aos professores Daniel Medina, Amélia Gomes e Leopoldo Amado por me terem cedido os materiais didácticos indispensáveis à aquisição de conhecimentos e fundamentação das ideias e teorias desenvolvidas neste trabalho.

Enfim, a todos os que de uma forma directa ou indirecta nos apoiaram, os maiores agradecimentos.

literatura infantil como um fenómeno identitário
- estudo de caso -

“Tudo quanto um homem lê é por ele
pessoalmente recriado. Mas o leitor, além de recriar,
recria-se, cria-se a si mesmo de novo, volta a criar
o seu próprio espírito.”

Laín Entrolgo

“ A criança, em contacto com a audácia poética
do texto, percebe a quebra da rotina e situa-se na literatura
como num lugar em que se pode aperceber da sua identidade
e pode tentar reconhecer-se”.

Mercedes Monzano

“A literatura infantil procura pôr, perante os olhos da criança,
alguns fragmentos de vida, do mundo, da sociedade, do ambiente imediato
ou longínquo, da realidade exequível ou inalcançável, mediante um sistema
de representações, quase sempre com uma chamada à fantasia”.

Armindo Mesquita

Índice

<i>Capítulo I</i>	9
1.1- Enquadramento e justificativa.....	9
1.2- Objectivos e Metodologia	10
1.2.1 - Objectivo geral:.....	10
1.2.2 - Objectivos específicos:.....	11
1.2.3. - Metodologia	11
1.3 -Enquadramento teórico da literatura infantil - perspectiva histórica	12
1.4 - O Conceito de “identidade”	15
1.4.1- As dimensões da identidade	16
1.4.1.1- Dimensão psicológica	16
1.4.1.2- Dimensão literária	17
1.4.1.3- Dimensão social - a Educação para a Cidadania.....	20
<i>Capítulo II</i>	25
Leitura comparada dos contos <i>Unine</i> , de Leão Lopes e “O pássaro azul” - <i>Estórias de encantar</i> , de Hermínia Fereira	25
2.1. – Valores morais presentes nas obras	25
2.2. – Temas, linguagens e elementos identitários	28
2.3. - O discurso: linguagem e estilo nos contos <i>Unine</i> e “O pássaro azul” (<i>Estórias de encantar</i>)	30
<i>Capítulo III</i>	35
O aproveitamento do Conto infantil do ensino básico para o secundário	35
3.1 – Justificação do estudo de caso	35
3.2 - Caracterização da Escola de Tira Chapéu	36
3.3- Observação directa da prática pedagógica – a leitura dos contos tradicionais.....	38
3.3.1 – Análise de dados I - sobre a motivação para a leitura	38
3.3.2 - Análise de dados II - professor na promoção da leitura.....	49
3.3.3 - Reacção dos alunos quanto à leitura dos contos <i>Unine</i> e <i>O pássaro azul</i>	57
3.4.- Estratégias para a promoção da leitura dos contos infantis com os alunos da 3ª fase do EBI como base para a promoção da leitura no 1º ciclo do ensino secundário.....	60
3.4.1- Leitura dos contos a partir dos elementos paratextuais.....	62
3.4.2 – Análise dos elementos paratextuais dos contos analisados	67
3.5- Estratégias para a motivação da leitura	68
3.5.1 – Projectos de leitura	70
3.5.2 - Reconto	72
3.5.3. – Introdução de um elemento incongruente	72
3.5.4. – A hora do conto	73
3.5.5 -Criação de uma biblioteca escolar.....	73
<i>Capítulo IV</i>	75
4.1 – Conclusão	75
4.2 - Considerações finais.....	77
Bibliografia.....	78
Anexos.....	81
Índice de gráficos.....	81
Questionário - professor	82
Questionário - alunos.....	84

Guião de assistência de aula	86
------------------------------------	----

Capítulo I

1.1- Enquadramento e justificativa

A Leitura, considerada um dos meios mais eficazes para a aquisição de conhecimentos, constitui um meio privilegiado para o desenvolvimento de uma atitude profissional eficiente perante a sociedade. A leitura permite ao leitor descobrir a sua identidade e/ou formar paulatinamente a sua personalidade. A escolha do tema: “***A literatura infantil como um fenómeno identitário***” para trabalho de fim de curso procura explicar por que é que, a partir da leitura, os leitores infanto-juvenis se podem identificar com as situações narradas, interiorizar valores veiculados pelas histórias e, ao encontrar soluções para os seus problemas, registar no desenvolvimento da sua personalidade a construção da identidade.

A pertinência deste trabalho justifica-se com o facto de os contos infantis cabo-verdianos serem pouco explorados no Ensino Básico Integrado e por serem leccionados como unidade de ensino quase exclusivamente a nível do estudo do funcionamento da Língua (gramática e vocabulário).

No nosso percurso de formação, a disciplina de ***Didáctica da literatura*** despertou-nos o interesse em abordar este tema, com o intuito de colocar em prática algumas das definições e orientações da mesma no que respeita às melhores estratégias pedagógicas que motivam a prática da leitura de textos no contexto escolar. Tal interesse foi reforçado com a disciplina de ***Literaturas africanas de língua portuguesa***, nomeadamente a cabo-verdiana, que, a partir da independência das ex-colónias, passou a abordar novos temas (quer na prosa quer na poesia) e conheceu uma maior exploração dos modos de expressão literário, com destaque para o romance e o conto, nomeadamente os contos infantis e infanto-juvenis, suscitando um maior interesse por parte dos leitores e marcando assim uma viragem em todas essas literaturas.

A literatura infantil despertou especial interesse na Europa no século XVII com o objectivo de contribuir para a preparação da pequena elite cultural. Sabemos que esta literatura ajuda a construir a personalidade das crianças a partir do exemplo dos comportamentos das personagens. Porém, no novo contexto de conflitos em que vivemos, as personagens da literatura infantil contemporânea, por vezes, não apresentam contornos bem definidos. E, supondo que toda a arte faz a representação (artística) da realidade, ela, às vezes, pode ou não traduzir conflitos

que podem estar na origem de uma certa crise de identidade representada pelos personagens da dada obra.

No caso de Cabo Verde, especificamente no século XIX, e após a instalação da imprensa em 1842, um público leitor cada vez mais exigente se vai evidenciando no percurso de afirmação identitária a partir da movimentação cultural em torno do Seminário Liceu de São Nicolau até aos nossos dias.

Sendo assim, escolhemos analisar dois contos infantis cabo-verdianos, contemporâneos, *Unine* de Leão Lopes e *Estórias de encantar*, de Hermínia Ferreira para comprovarmos como, ou de que forma esses contos podem contribuir para a formação da personalidade das crianças cabo-verdianas, se os referidos textos trazem consigo uma função moralizante ou se os valores por eles veiculados poderão fazer face à crise identitária com que se depara a sociedade contemporânea.

Numa análise de situação prática, procurámos perceber se os alunos se identificam com esses contos e como. Propusemos a exploração dos dois textos acima referidos, numa turma do primeiro ano da terceira fase do Ensino Básico Integrado não só para apurarmos se os nossos leitores se identificam com os comportamentos e situações neles presentes, como também averiguar se existe uma preocupação de veicular valores nessas narrativas; verificar quais são e até que ponto os mesmos podem levar as nossas crianças e adolescentes a modificarem os seus comportamentos pela positiva.

A ideia é averiguar de que modo a leitura permite que o leitor tenha acesso ao conhecimento, e verificar até que ponto essa actividade lhe possibilita ter uma maior liberdade e habilidade para exercer a cidadania activamente no lugar em que se encontra, tendo por base sempre a ética e os valores que os textos, sobretudo os narrativos, transmitem.

1.2- Objectivos e Metodologia

1.2.1 - Objectivo geral:

- Reflectir sobre o papel das obras infantis no que tange à formação da personalidade e da cultura identitária dos pequenos leitores cabo-verdianos.

1.2.2 - Objectivos específicos:

- Apreciar os valores morais nos contos *Unine* de Leão Lopes e *Pássaro azul* de Hermínia Ferreira a partir do levantamento dos mesmos;
- Estabelecer relações entre temas, linguagens e elementos identitários nos referidos textos;
- Identificar alguns aspectos simbólicos e significados que caracterizam essas histórias infantis;
- Apresentar os resultados de um estudo de caso com os alunos para verificar como os valores veiculados pelas obras escolhidas actuam sobre os comportamentos deles.

1.2.3. - Metodologia

Para a realização deste trabalho, iniciámos uma pesquisa bibliográfica de que resultou o tratamento dos principais conceitos nele utilizados bem como a recolha de subsídios para as reflexões teóricas e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Num segundo momento, desenvolvemos uma Leitura comparada de dois contos infantis cabo-verdianos, *Unine* de Leão Lopes e *Pássaro azul* de Hermínia Ferreira, no intuito de proceder ao levantamentos dos aspectos que enformam o fenómeno identitário.

Este trabalho contempla também um estudo de caso. Preparámos o estudo de caso, elaborando instrumentos de análise (inquéritos destinados a alunos e professores e guião de observação de aulas). Escolhemos como amostra uma turma da 3ª fase do Ensino Básico Integrado (5ª classe) da escola de Tira Chapéu, na cidade da Praia, composta por vinte e três alunos, sendo sete de sexo feminino e dezasseis de sexo masculino.

No decurso da análise dos resultados fornecidos pelos instrumentos aplicados, elaborámos uma proposta para o estudo dos contos nesse mesmo ciclo e ainda traçámos algumas estratégias para a promoção da leitura como tentativa de vir a formar leitores e de fazer com que estes adquiram o hábito/gosto pela leitura, aprimorando o conhecimento sobre os contos, visto que é nesta fase que eles trabalham mais os contos infantis conforme explanado nos planos curriculares. A implementação das estratégias visou demonstrar que o aproveitamento dos contos e o modo de exploração pelo professor institui bases importantes para a dinamização da leitura no Ensino Secundário.

1.3 -Enquadramento teórico da literatura infantil - perspectiva histórica

A Literatura infantil constitui-se como género durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico, e atingiu o seu apogeu no século XIX com as adaptações dos irmãos Grimm das histórias tradicionais e o surgimento de outros autores no mesmo ramo.

De acordo com Cristiane M. de Oliveira, o aparecimento deste tipo de literatura tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo "status" concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. A sua emergência deve-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.¹

Barbara Vasconcelos (s/d:75,76) acrescenta ainda que a literatura infantil surgiu, porque a criança passou a ser considerada como um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Deste modo, o início da literatura infantil ficou distintamente marcado com Perrault, entre os anos de 1628 e 1703, com os livros "Mãe Gansa", "O Barba Azul", "Cinderela", "A Gata Borralheira", "O Gato de Botas" e outros. Depois disso, apareceram os seguintes escritores: Andersen, Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush. No Brasil, a literatura infantil foi marcada com o livro de Andersen "O Patinho Feio", no século XX. Depois surgiu Monteiro Lobato, com seu primeiro livro "Narizinho Arrebitado".²

Quanto à designação de Literatura infantil, esta circunscreve-se para alguns autores à de "conto infantil". Segundo Massaud Moisés (1997:15) a palavra "conto" tinha inicialmente o significado de *número*, *cômpulo* e *quantidade*, passando posteriormente a ser utilizada na literatura com o significado de *história*, *narração*, *historieta*, *fábula*. Na realidade, o vocábulo teve a sua origem na forma latina *commentu* (*m*), com o significado de *invenção e ficção*. Passou a ser aplicado à literatura portuguesa no século XVI, altura em que surge o primeiro contista em língua portuguesa, Gonçalo Fernandes Trancoso, autor dos *Contos e Histórias de Proveito e Exemplo*, publicado em 1575.

¹ www.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm -50k

² Ibidem

Com a evolução do conceito de “Literatura” e sobretudo a partir da Era Moderna, em que se fez sentir a necessidade de diferenciar os tipos de géneros literários para que estes pudessem ser melhor entendidos ou estudados, a definição de conto passou a situar-se primordialmente no contexto das relações entre modos e géneros³. Os modos (lírica, narrativa e drama) são as categorias historicamente situadas e apreendidas por via empírica, integrando na expressão literária os géneros (romance, conto, tragédia, canção, etc.). Assim, aplicado à literatura, entende-se por conto um género narrativo de carácter linear, centrado num único tema, tempo e espaço reduzido, com pequeno número de personagens. Tem poucas divagações e é de fácil compreensão para os leitores.

De entre os diferentes tipos de conto identificados, adequado ao público infantil, destaca-se o conto maravilhoso que, segundo Vladimir Propp (1978:144), é aquele que possui um desenrolar da acção que parte de uma mafeitoria ou de uma falta, e que passa por funções intermédias para terminar em casamento ou em outras funções utilizadas como desfecho. A função limite pode ser a recompensa, o alcançar de um objecto demandado, de uma maneira geral, a recuperação da mafeitoria, o socorro e a salvação durante a perseguição, e este pertence à literatura escrita.

Por sua vez, o conto tradicional/popular insere-se numa literatura de transmissão oral. É representativo da memorização das histórias criadas pelo autor colectivo que respeita os valores da sua comunidade, e os transmite de geração em geração, e são histórias normalmente ligadas às crenças religiosas, aos costumes populares.⁴ Trata-se, assim, de uma literatura destinada às crianças entre os dois e os dez anos de idade, em que todo o universo social e familiar aparece em cena, com os conflitos latentes e os fantasmas que o enredam.

A Literatura infantil levanta questões com as quais o indivíduo se confronta, questões como a rivalidade de gerações e o antagonismo dos sexos, entre outros. Os leitores lidam com aspectos do comportamento humano, com as etapas fundamentais da vida, como o nascimento, o namoro, a velhice e a morte. O ódio e o amor, a desconfiança, a perseguição, a alegria, a felicidade, a rivalidade fazem parte do campo emocional desta literatura e, na maioria das vezes, este mesmo conto apresenta fenómenos de contraste entre o Bem e o Mal, o êxito contra o fracasso, a benevolência contra a malevolência, a pobreza contra a riqueza, e, consequentemente,

³ REIS, Carlos e LOPES, Cristina Ana – *Dicionário da Narratologia*, 2ª ed, 1990:181

⁴ GUERRA, João Augusto et al – *Aula Viva do Português*, 10º ano B (S/d:13)

os pequenos leitores acabam por se identificar com as personagens boas e heróicas da história dando asas ao seu imaginário. Esses contos têm como objectivo ajudar a construir a personalidade das crianças, isto é, têm uma função moralizante que é a de corrigir, de encaminhar e zelar pela formação das mesmas.

Mais próxima da realidade cabo-verdiana, a célula *mater* da literatura infantil, hoje conhecida como "clássica", encontra-se na Novelística Popular Medieval que tem suas origens na Índia, chegando até nós em grande parte por influência europeia. Descobriu-se que, desde a época medieval, a palavra se impôs ao homem como algo mágico, como um poder misterioso, que tanto poderia proteger, como ameaçar, construir ou destruir. São também de carácter mágico ou fantasioso, as narrativas conhecidas hoje como literatura primordial. Nela foi descoberto o fundo fabuloso das narrativas orientais, que se forjaram durante séculos a.C., e se difundiram por todo o mundo, através da tradição oral.⁵

Da sua estrutura fazem parte personagens, sentimentos, valores (como a solidariedade, o respeito, a tolerância, o companheirismo, o amor etc) e desafios, que correspondem às exigências infantis e possibilitam à criança resolver, ou mesmo compreender, as suas manifestações mais arcaicas. O seu carácter simbólico permite-lhe utilizar essa forma literária conforme a sua necessidade, pois trata-se de uma obra aberta à subjectividade e que oferece de modo simplificado novas dimensões à imaginação da criança, sendo passível de um leque de possibilidades interpretativas. E de acordo com Bettelheim (1986: 20-21), os contos são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra obra de arte o é.

O valor histórico, social e identitário da literatura infantil parece inegável, tanto é que "...a literatura infantil que hoje se escreve tem em conta os interesses das crianças e dos pré-adolescentes, indo ao encontro das suas inquietações, sendo protagonizada por personagens que sentem e pensam como eles, vivem os mesmos problemas e apontam soluções."⁶

⁵ infantil@graudez.com.br.

⁶ MONZANO, Mercedes Gómez Del – *A criança e a literatura*, Porto editora(1988:114)

1.4 - O Conceito de “identidade”

O termo identidade é de origem latina, formado a partir do adjectivo “idem” (que significa o mesmo) e do sufixo “dade” (indicador de um estado ou qualidade). A sua etimologia conduz à aplicação daquilo que é idêntico ou identificador de algo.⁷

Em termos filosóficos, a identidade traduz consciência de uma substância consigo mesma e o primeiro princípio lógico do pensamento é o princípio de identidade, com o qual se compreende o sentido da lei suprema do ser e a do pensamento. Para alguns autores, a questão da identidade é complexa, uma vez que é múltipla, dinâmica e está num devir, ou seja, em cada campo de estudo é-lhe dada uma acepção diferente.

Na perspectiva de Carlos González, socialmente o termo pode ser definido num reencontro uno de pessoas, como conteúdo vivo que se renova constantemente no ambiente onde se vive. Patrícia Ferreira, citando Taifel, frisa que “uma identidade social corresponde à parte do autoconceito (“self”) que decorre da pertença de um indivíduo a um grupo ou categoria social, a qual é acompanhada de aspectos valorativos e emocionais”⁸.

Ainda segundo a citada autora, em situações concretas, a diferenciação intergrupar é influenciada por vários elementos. Primeiro, os indivíduos devem internalizar a pertença e identificarem-se subjectivamente com o grupo. Segundo, a situação social tem de permitir comparações entre grupos, que permitam a selecção e avaliação dos atributos relevantes para a relação intergrupar. Em terceiro, a comparabilidade com dado grupo é percebida como algo relevante. “A formação das identidades está relacionada com a história social dos grupos uma vez que estas se formam em ciclos temporais relativamente longos, em processos de invenção, composição e consolidação”⁹.

Entretanto, Diane E. Papalia *et al*¹⁰ afirmam que a identidade se forma quando os jovens resolvem as três questões essenciais da vida, que são a escolha de uma profissão, adopção de valores, pelos quais vivem, e o desenvolvimento da identidade sexual satisfatória. Sendo assim pode-se compreender então que a construção da identidade acontece durante os anos da adolescência.

⁷ www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/identidade.htm

⁸ FERREIRA, Patrícia Magalhães – *Identities étnicas, poder e violência em África: o conflito no Burundi*, (2005:73)

⁹ *Ibidem*

¹⁰ PAPALIA, Diane et al; *O mundo da Criança*, Ed. McGrawHill Portugal, Lisboa, 2001

1.4.1- As dimensões da identidade

1.4.1.1- Dimensão psicológica

O conceito de identidade nem sempre teve a mesma interpretação para todos os autores como acima referido. Segundo Carolina *et al*, historicamente, o termo evoluiu e o que hoje se entende por identidade é muito confundido com personalidade.

Segundo Bartolo (1990:261), o psicanalista Erik Erikson define a identidade de uma forma interdisciplinar em que a construção biológica, a organização pessoal da experiência e o meio cultural dão significado e continuidade à existência do indivíduo. Na psicologia a identidade é marcada por estágios crescentes de autonomia, entendendo-se a identidade como produto de socialização e garantida pela individualização, isto é, cada um destes estádios é caracterizado por um dilema particular em que o indivíduo desenvolve atitudes básicas para o seu desenvolvimento psicossocial. E é nesta linha que Erikson afirma que a construção da identidade surge da necessidade do indivíduo organizar e compreender a sua individualidade.

Os estádios a que Erickson se refere são oito. Assim:

- No primeiro estágio a criança faz a aquisição de um sentimento de confiança básica em oposição à desconfiança. Através da interacção mútua entre a criança e a mãe desenvolve-se o sentimento rudimentar da identidade do eu.
- O segundo estágio é denominado de estágio de autonomia/vergonha – dúvida. Nesta fase a criança tem a propensão para a dúvida e vergonha devido ao controlo rígido dos pais.
- O terceiro estágio é o de iniciativa/culpa. Esta fase segundo Erickson é fundamental para o desenvolvimento da identidade.
- O quarto estágio é designado como o de indústria/inferioridade. Coincide com o momento em que a criança vai para a escola e começa a desenvolver a sua capacidade intelectual.
- O quinto estágio corresponde ao da crise de adolescência. E nesta fase o adolescente precisa de uma moratória que lhe possibilite a integração dos elementos da identidade anteriormente adquiridos para voltar a ter confiança em si mesmo.
- O sexto estágio é o de intimidade/isolamento e é aquele em que muitas das relações dos jovens funcionam como pontes para a resolução da identidade.
- O sétimo estágio designa-se como o da generatividade/estagnação. Aqui o indivíduo orienta a geração seguinte e pressupõe-se que ele investe na sociedade onde se encontra inserido.

- O oitavo e último estágio, integridade/desespero, o indivíduo tem a necessidade de integrar as imagens do passado para que assim ele possa ser capaz de compreender os outros.

1.4.1.2- Dimensão literária

A literatura é uma representação da linguagem, ou seja, ela está associada à ideia de estética, enquanto imitação imaginosa por meio do discurso. O discurso literário é construído ou elaborado pelo autor na tentativa de tocar o leitor, de o seduzir e de o influenciar com pluralidade de significados e beleza. A partir daí surge o processo de identificação em que nasce uma relação entre a obra e o leitor (sociedade), gerando dessa forma uma unidade no que foi escrito, com maior incidência no campo infantil. O autor ao dar vida às palavras, está a fazer com que o leitor ou o público alvo se posicione perante o assunto tratado na obra, fazendo com que ele não seja mero espectador, mas alguém que reflecte sobre problemas do dia-a-dia, como a justiça, o amor, o tempo, a morte, a solidariedade, a vingança etc. Por outras palavras, pode-se dizer que o autor está a fazer com que o receptor reflecta sobre essência da sua condição humana, na sociedade onde se encontra inserido.

Deste modo, o papel da literatura na vida social é de uma plurifuncionalidade. Além da função estética (arte da palavra e expressão do belo), uma obra literária pode possuir a função lúdica (provocar prazer), a função cognitiva (forma de conhecimento de uma realidade objectiva ou psicológica), a função catártica (purificação de sentimentos) e a função pragmática (pregação de uma ideologia).

A “história” também participa na formação da identidade de um povo, sendo essencial porque contribui para a colectivização da memória popular. Ela regista a memória viva, as emoções, as ideias, as percepções e os sentimentos de diversas pessoas, acabando, deste modo, por construir uma imagem do passado recente de forma dinâmica e abrangente.

A oratura na formação da identidade de um povo também é outro elemento a ser tido em conta. Como se sabe ela é mais antiga do que a própria literatura escrita. Ela facilita a necessidade de partilha e comunhão de uma determinada comunidade através das histórias infantis, das adivinhas, das lenga-lengas, dos mitos etc.

A questão da identidade também é chamada para as histórias infantis como acima referido, isso quando num conto infantil uma criança se identifica com o objecto (herói), ou ainda constata que as características comportamentais de um personagem são idênticas às dela na vida real. E à medida que a criança se vai identificando com a história, com um determinado personagem, com as acções, ou com uma determinada situação, como é o caso das situações dicotómicas que a levam à reflexão, ela acaba por desenvolver o seu imaginário, modo de se expressar tanto escrita como oralmente (linguagem) aprendendo assim a ter uma postura racional de forma argumentada perante uma determinada situação, visto que os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se unem. Tal significa dizer que a criança está a desenvolver a sua capacidade de resolução de problemas.

Quanto à leitura, a literatura infantil como um instrumento de prática educativa, geralmente se apresenta como um instrumento norteador da liberdade e da criatividade infantil. Ela também exerce um papel fundamental na formação intelectual e emocional, uma vez que através dela a criança vivencia situações, constrói conceitos e significados por meio da imaginação. Ler é fonte de prazer e oferece grande contribuição para o desenvolvimento integral da criança.

Depreende-se do exposto que a literatura infantil é fulcral para o desenvolvimento integral da criança enquanto ser, tendo em conta que a sua função básica é de estimular na criança todas as potencialidades lactentes do seu ser, despertando no seu espírito uma série de valores morais que actuam sobre a sua potencialidade psíquica, despertando e desenvolvendo o seu gosto artístico e a sua capacidade expressiva como acima referido.

Na mesma linha de pensamento, Carlos Reis e José Adragão (1992:169,170) acrescentam ainda que a leitura do texto infanto-juvenil pode fazer com que a criança descubra a sua própria identidade, tenha um melhor conhecimento do mundo e dos outros, formando assim a sua cosmovisão ou a filosofia de vida e identifique as pistas que lhe permitem encontrar a solução dos problemas e responsabilidades sociais.

No processo de contacto com os textos e desenvolvimento, Richard Bamberguer distingue quatro fases de leitura:

- Idade dos livros de gravuras e dos versos (de 2 a 5/6 anos de idade). É considerada como fase inicial integral-pessoal. Trata-se de uma fase lúdica em que se descodifica e se compreendem as imagens.

- Idade do conto de fadas (de 5 a 8/9 anos) em que predomina a idade da leitura do realismo mágico, onde a criança vive no munda de fantasia.

- Idade da história ambiental e da leitura factual (de 9 a 12 anos). A criança orienta-se no mundo concreto e objectivo.

É nesta fase que o papel dos pais e da escola no ensino/hábito da leitura é fundamental, porque de uma maneira ou de outra, ao incentivar o filho/aluno a ler, pais e professores estão a fazer com que a criança desenvolva a capacidade de perceber toda a estrutura de um texto, a capacidade de entender a intenção do autor, a capacidade de fazer paráfrases.

A dimensão histórica, que no âmbito da tradição oral engloba um vasto repertório, como advinhas, lenga-lengas, contos, mitos, canções, provérbios e outras formas discursivas, passadas de geração em geração, e que concomitantemente constituem herança cultural do homem, participa da construção da identidade deste, visto que o ajuda a caracterizar a maneira de viver, de estar, de pensar enquanto indivíduo e, por conseguinte, ajuda-o a identificar-se como sujeito que ele é, no espaço onde se encontra inserido. Deste modo, podemos afirmar que a história é um factor primordial que resgata, veicula valores culturais e faculta ao homem conhecer a sua História, a sua cultura, os seus hábitos e os seus costumes, e tem vindo a ser um auxiliar na preservação da identidade do seu povo.

A literatura que, por sua vez, é a reprodução da linguagem, encontra-se interligada tanto com a dimensão social como com a histórica, e estas, conjuntamente, vêm trabalhando com a dimensão literária, ajudando na preservação histórica de forma mais sólida e fiável sobrevivendo assim, entre os povos por mais tempo. Pois, a dimensão literária, por ser um suporte material tem estado a (re) afirmar ou a reforçar a identidade de um povo, ajudando na recuperação do património oral, neste caso, histórico e cultural. Isso passa-se também no domínio infanto-juvenil, quando o autor resgata as histórias de tradições orais na comunidade e transporta-as para escrita, possibilitando que o leitor tome conhecimento do mesmo, fazendo-o conhecer um mais pouco da sua cultura.

Defendendo uma relação íntima entre o processo de formação mental da criança e a cultura, e procurando identificar o modo como a sociedade e a literatura promovem o encontro com a cultura, que é a identidade de um povo, a literatura, ao fim ao cabo, faz com que a criança-leitora ou criança-ouvinte venha a construir e a definir a sua identidade (personalidade) a partir de valores e princípios que regem a sua vida. A dimensão literária e a social associam-se

intimamente com a dimensão histórica, isto é os factos históricos dão forma à relação do indivíduo com o espaço social, reforçando a sua identidade. Por sua vez a literatura, com base ou fundo histórico pode participar da construção da identidade do indivíduo.

1.4.1.3- Dimensão social - a Educação para a Cidadania

Socialmente a identidade é um processo que surge de pressões externas para que o indivíduo escolha e invista em papéis familiares, profissionais e sociais o que acaba por lhe dar um estatuto na sociedade. No seu percurso, a identidade pode ser compreendida como uma construção social, formada ao longo do tempo através de processos inconscientes. Desta forma, os indivíduos vão se construindo, integrando esse processo, num movimento contínuo uma vez que se aceita o facto de o indivíduo não nascer com ela, isto é a identidade não é inata, pelo contrário ela está sempre a ser formada. E isto constata-se através da tradição oral e suas manifestações como as adivinhas e as histórias que são conservadas na memória das pessoas e transmitidas de boca em boca ao longo de gerações. Pode-se dizer que a tradição oral é um importante processo que serve para lidar com o tempo e o espaço, e requer uma experiência particular entre passado, presente e futuro, ajudando deste modo o povo a construir ou formar a sua identidade cultural. Essas tradições também contribuem para a protecção, a recuperação e a divulgação do património oral.

Até certo ponto, o termo identidade pode ser associado ao problema da identificação de um estatuto de literatura, partindo-se da ideia de que as características de um texto literário se mantêm iguais ao longo de todos os tempos.¹¹

No âmbito da Educação para a cidadania, aspecto muito valorizado na organização dos planos curriculares da actualidade e na manifestação do saber ser do indivíduo nas sociedades contemporâneas, ditas globalizadas, importa referir autores como Cyro de Barros e Ismard Neto para os quais, “A cidadania é notoriamente um termo associado à vida da sociedade. A sua origem está ligada ao desenvolvimento das *polis* gregas, entre os séculos VIII e VII a.C. A partir

¹¹ [Www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/identidade.htm](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/identidade.htm)

de então, tornou-se referência nos estudos que enfocam a política e as próprias condições do seu exercício, tanto nas sociedades antigas como nas modernas. ”¹²

O conceito de cidadania parece complexo, na medida em que existe um núcleo histórico em torno do qual ela se organiza. Na antiga Grécia e na República Romana, a cidadania consistia na participação pública dos cidadãos, como por exemplo em dar forma às leis e às decisões de um Estado; participar no julgamento dos cidadãos, entre outros.

Na modernidade, os ideais democráticos e igualitários veiculados por diferentes movimentos sociais foram progressivamente conduzidos ao alargamento dos poderes cívicos. No campo social a educação para a cidadania revela que a segurança, o bem-estar e qualidade de vida devem estar garantidos pelo Estado, mas providenciados também por grupos e organizações da sociedade civil.

Segundo Albertino Martins *et al* (2009:35) trata-se da globalização de um fenómeno que tem vindo a aproximar os países e os povos, tornando-os cada vez mais interligados nas suas relações sociais, culturais económicas e políticas, ela assenta em quatro pilares fundamentais:

- o respeito mútuo, que implica o reconhecimento do outro e saber conviver com as diferenças;
- a solidariedade, que envolve a partilha;
- a não violência, que promove a resolução de conflitos através de diálogo;
- a autonomia/ auto-estima que tem a ver com o conhecimento de si próprio e do seu meio evitando a diluição e a perda da identidade. Isso permite dizer que, no mundo globalizado, o cidadão tem direitos e deveres a cumprir.

No ensino, mais propriamente, na Escola a educação para a cidadania também actua, visto que, é um importante espaço para a educação das crianças e jovens. Na escola de hoje os professores são formados para os educar com base nos valores, porque considera-se que a nossa sociedade hoje em dia está a viver uma crise de valores. Portanto, além do ambiente familiar a escola é considerada o segundo espaço onde se pode ainda resgatar valores, educando as crianças para valores como a solidariedade, a sinceridade, a justiça, o amor, o respeito, a compreensão, a bondade, a lealdade, a dignidade, a tolerância, a generosidade, com o objectivo de ter cidadãos bem comportados na sociedade onde se encontram inseridos.

¹² www.initau.br/Scripits/prpg.../evolucao-N2-2001.pdf

Esses valores são trabalhados de forma prática, isto é, através de actividades como, recolha de brinquedos, roupas, sapatos, usados para oferecer os mais carenciados, entre outros. Com esses gestos, o aluno está a aprender a ser solidário e a partilhar. Uma das outras actividades, é a dramatização de peças, em que os alunos são levados a simular situações onde se identificam os valores básicos como a verdade, a responsabilidade, a cooperação e a solidariedade, etc.

Segundo Martins *et al* (2009:35), a educação para a cidadania baseia-se em princípios como:

- o da transmissão e valorização da herança cultural recebida das sucessivas gerações;
- o da educação em valores e para valores;
- o da educação para a prática diária da participação, da responsabilidade, do cumprimento das normas, do respeito mútuo, da convivência com o pluralismo.

E porquê a educação para a cidadania nas escolas? Como se sabe as crianças são consideradas seres mais vulneráveis do que os jovens ou os adultos, daí que quando educadas para a aquisição de valores, elas possam vir a servir de elo de transmissão de valores para a comunidade e a escola é o principal recurso para este efeito.

A educação para a cidadania faz-se a partir da cooperação com a sociedade, onde deve haver uma preparação efectiva e intelectual, porque não se quer apenas transmitir conhecimentos, mas também valores e comportamentos éticos. Portanto, “construir uma sociedade assente nos valores da cidadania e da paz implica uma educação voltada para a cidadania desde a tenra idade. E só haverá uma cidadania plena se houver mudanças de atitude, de mentalidades, de interpretação e de valores nas estruturas sociais.”¹³

A cidadania é o sentimento de pertença e de identidade a uma nação que se traduz na participação activa em todos os domínios da construção e de desenvolvimento nacional.¹⁴

No caso da sociedade cabo-verdiana, o ensino em Cabo Verde teve início na ilha de Santiago, cidade da Ribeira Grande, hoje conhecida por Cidade Velha. Este paulatinamente, veio a expandir-se pelas restantes ilhas do arquipélago.

Em 1535, por alvará de 12 de Março, foi criada, na cidade da Ribeira Grande, a primeira escola, e nessa escola professavam-se apenas a Moral e a Gramática Latina. No ano de 1657,

¹³ MARTINS, Albertino et al – *Educação para a cidadania-Guia de formação dos professores* (2009:34)

¹⁴ Ibidem (2009:37)

fundou-se o convento da Ribeira Grande, que também funcionava como centro de ensino. Ali ministravam-se as disciplinas como o Latim, a Moral e a Teologia. O objectivo principal do ensino era preparar os jovens para a vida eclesiástica. É oportuno frisar que a igreja desempenhou um papel preponderante no desenvolvimento da Educação em Cabo Verde.

Na segunda metade do século XIX, procede-se à cobertura escolar do arquipélago, tendo sido criado, em 1860, na Praia, o Liceu Nacional de Cabo Verde, em que, para além das disciplinas normais, era ministrada a Moral. É de se salientar que houve sempre, desde os primórdios da educação, a necessidade de introduzir no ensino valores que regem uma sociedade, sendo fácil a constatação desse facto através das políticas do Ministério de educação, que teve a preocupação de introduzir no sistema educativo a disciplina de Moral como conteúdo de ensino.

Hoje, nota-se que também há uma preocupação em ministrar determinados princípios e valores na escola virada para a vertente Educação para a Cidadania de forma mais intensa, visto que os valores na sociedade têm estado a decair dia após dia. Acreditamos que a introdução de determinados princípios e valores no sistema educativo possui como premissa o reforço na formação de um cidadão, de forma a contribuir para que tenhamos cidadãos solidários, respeitadores, responsáveis e honestos, mais do que nunca, uma vez que o cidadão faz parte, ou é membro de uma comunidade politicamente organizada onde a cidadania deve ser exercida através de atitudes, comportamentos sociais, éticos e morais que estão consagrados na Constituição da República cabo-verdiana.

O exercício da cidadania é um direito e um dever que cresce de acordo com as exigências do desenvolvimento e da complexificação das relações socio-económicas, políticas e culturais provocadas pela globalização.¹⁵

Com o colonialismo e as condições de abandono que se fazia sentir em Cabo Verde, o povo cabo-verdiano teve a necessidade de lutar pela independência do país em que todos teriam os mesmos direitos. Recentemente apareceram várias instituições e organizações não governamentais que se preocuparam com a problemática dos direitos humanos e uma delas é a Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania (CNDHC). Essa instituição foi criada em 2004 e, preocupa-se em desenvolver programas de educação para os direitos humanos

¹⁵ MARTINS, Albertino *et al* – *Educação para a cidadania - Guia de formação* (2009:84)

e cidadania, dirigidos às organizações estatais, organizações da sociedade cívil, associações comunitárias e comunidade escolar.

No que diz respeito à promoção da cidadania, de entre vários objectivos, essa comissão, segundo o PNADHC¹⁶, pretende promover o culto da expressão artística, cultural e desportiva como forma de aumentar a coesão social e a ocupação das crianças e adolescentes e também promover a participação deles na discussão das questões que lhes dizem respeito. O que quer dizer que, desde muito cedo é facultado às crianças o direito de exercer a cidadania reivindicando os seus direitos, demonstrando os seus pontos de vista e ainda participando no desenvolvimento do país.

Essa participação é reforçada com a introdução nos currículos escolares de disciplinas específicas ou de estudos transversais sobre os direitos humanos, o que outorga à criança o direito de saber que, como cidadão que é, tem direito a cumprir/praticar a cidadania, a qual, por seu turno, deve ser respeitada.

¹⁶Plano Nacional de Acção para os Direitos Humanos e a Cidadania em Cabo Verde

Capítulo II

Leitura comparada dos contos *Unine*, de Leão Lopes e “O pássaro azul” - *Estórias de encantar*, de Hermínia Fereira

Neste capítulo, pretendemos comparar as duas obras de literatura infantil cabo-verdiana escolhidas para este estudo. Iremos estudar os temas/conteúdos, as linguagens e os elementos identitários contidos nelas no sentido de vermos até que ponto essas obras em análise se assemelham ou se diferenciam uma da outra, e ainda verificar de que modo como é que a literatura infantil cabo-verdiana pode contribuir para a construção da identidade cultural do leitor infantil cabo-verdiano, já que a literatura infantil pode tornar-se num fenómeno identitário, tendo em conta que dela faz parte o conto tradicional, que é a herança cultural do povo, quer em termos de história, da língua ou ainda da forma de pensar tão característicos desse mesmo povo.

2.1. – Valores morais presentes nas obras

Entende-se por *Valores* um conjunto de elementos motivadores que direccionam as atitudes e as acções das pessoas, contribuindo para a coesão de um grupo social. É através dos valores que o homem inspira e orienta a sua vida na sociedade, nesta óptica, pode-se dizer “valor é um bem que tem que ser preservado, visto que orienta comportamentos, atitudes, sentimentos e a forma de pensar sobre uma determinada situação”.¹⁷

O mundo social é organizado e estruturado em princípios e valores (morais) que têm que ser respeitados sob pena de punição. Portanto, para que o homem saiba respeitar as regras de uma sociedade ou pontos de vista é preciso que ele saiba o que são valores e de como agir perante os mesmos e para que tal seja possível é preciso que os educadores trabalhem os valores morais com crianças desde a tenra idade. E a literatura infantil pode ser um excelente meio de fazer com que as crianças saibam o que são valores morais, reflectir sobre o que é bom/mau, o que está certo/errado e agir sobre eles. Estes valores encontram-se explícitos nos papéis que as personagens desempenham, isto porque a literatura infantil foi um dos meios que o homem desde

¹⁷ MARTINS, Albertino *et al* – *Educação para a cidadania - Guia de formação* (2009:84)

sempre encontrou para trabalhar valores morais com o objectivo de encaminhar ou zelar pela educação moral das crianças propondo-lhes modelos de comportamentos

No conto *Unine*, de Leão Lopes, encontram-se algumas passagens em que os valores morais estão explícitos e estes propõem às crianças modelos de comportamentos como acima referido. Assim, da análise feita, destacamos os seguintes:

a) Honestidade

“...Tu terias que ter a pureza de uma criança, aprender a semear o teu próprio milho e não ter que roubar a quem semeia.”¹⁸ Tu terias aprender a cantar e tornar a tua alma sensível às coisas sensíveis da vida como o amor e a generosidade para, se calhar poderes ver um ente. (...)”p.14

b) Solidariedade

“... A notícia começou a espalhar-se pelo mundo e o mundo, com medo de que o Sol, cansado, sucumbisse de tanto procurar a criatura mais bela, resolveu ajudá-lo. Espalhou-se por todos os povoados que se procurava a criatura mais bela. Uma criatura estranha, não se sabia de onde vinha tanta beleza. (...)”p.8

“... Ele ficou surpreendido com o pedido do Corvo. Tinha ouvido falar dessa criatura por quem o Sol se apaixonara, mas nunca esperou vê-la. Disse ao Corvo: “Vamos pedir à Íbis Sagrada que nos ajude, pois Unine não pode mais viver presa numa gruta.” A Íbis que tinha uma voz maravilhosa, divina, não hesitou um instante para aceitar o convite do homem (...)” p.18

c) Generosidade

“... Mas, quem era esse homem que Unine abraçara? Um outro apaixonado? Não tanto como ele, pensou. Posto isto e quando reparou no olhar de luz do Homem Mágico, percebeu. Seu sorriso foi largo e luminoso quando reconheceu que esse homem também que correspondia com imensa ternura ao abraço de Unine, era especial. E o Sol deixou a sua paixão nele se transfigurasse, nesse homem também apaixonado cuja luz no olhar merecia a criatura mais bonita do mundo. (...)” p.22

¹⁸ Os sublinhados são nossos.

d) Amor

“... Mãe e filha caíram nos braços uma da outra entre beijos e lágrimas. Não se pode descrever esse momento tão inebriante, tão fascinante... Todos tinham uma luz mágica no olhar. Foi com imensa alegria que viram a felicidade emanando de Unine e de sua mãe, ainda abraçadas.” p.31

No livro *Estórias de encantar*, o conto “O Pássaro Azul”, de Hermínia Fereira também encontram-se algumas passagens em que os valores morais se destacam, mas em menor quantidade e também propõem às crianças modelos de comportamentos:

a) Solidariedade

“...Clarinha nem queria acreditar no que via: o lobo e o chibinho correram para as suas casas trazendo enxadas; o burro e o cavalo arrastaram os carrinhos que há anos não serviam; o macaco foi buscar o milho e o feijão para a sementeira, enquanto que o pássaro, com o bico, ia deitando os grãos na cova já aberta. Bonito espectáculo! Que grandiosa obra!” p.17

b) Amizade

“...A partir desse dia, Paulo – assim se chamava o menino – passou a ser o companheiro inseparável de Clarinha¹⁹. Viveram muitos anos e foram muito felizes.” p. 20

Na análise dos valores morais dos dois textos infantis, *Unine e O Pássaro azul (Estórias de encantar)*, pode-se dizer que esses textos por si só não são inocentes, ou seja, não são escritos por acaso, isso porque, para além de conterem em si valores estéticos, estão repletos de valores morais que, de uma forma ou de outra, constituem exemplos de conduta para as nossas crianças.

Sendo assim, podemos dizer que estes dois textos têm um potencial formativo, no que tange aos valores pelos quais uma sociedade se rege. Entretanto, é importante frisarmos que não se pode torná-los objecto de ensino e aprendizagem, por constituírem mais uma ferramenta de ajuda aos pais e aos professores na educação das crianças.

¹⁹ Nota: Os sublinhados/destaques são nossos.

Sendo o discurso mais uma ferramenta que ajuda na formação intelectual dos nossos leitores vamos abordá-lo a seguir ao tratamento temático da linguagem.

2.2. – Temas, linguagens e elementos identitários

Temas/Conteúdos	<i>Unine</i>	<i>Estórias de encantar</i>
	Amor; Paixão; Egoísmo; Insegurança = temas do quotidiano	Malfeitoria; Amizade; Seca; Amor à terra = temas do quotidiano
Elementos identitários	<p>* Nomes das personagens que fazem com eles se identifiquem como seres do mundo maravilhoso.</p> <p>* Expressões em língua materna – sobretudo da Oralidade, ou seja, que funcionam como símbolos identitários do povo cabo-verdiano: ex, expressões como: botiado, bli, guarda-cabeça)</p>	<p>*Nomes das personagens que são típicos dos cabo-verdianos (exemplos nhô Totone, Clarinha, nhô Nônô, Paulo.)</p> <p>* Expressões ou palavras da língua materna – sobretudo da Oralidade, ou seja, expressões da língua materna que são símbolos identitários do povo cabo-verdiano (ex: nomes das personagens e nas formas de tratamento, ex: nhô e nhâ, fidju;)</p> <p>* sentimento de apego à terra e a luta persistente pela sobrevivência,</p> <p>* esperança num futuro melhor</p>

A partir da análise dos contos *Unine* e *O pássaro azul*, pode-se dizer que ambos abordam temas semelhantes, que são próprios do quotidiano, como o amor, a paixão, o egoísmo, a insegurança, a malfeitoria, a amizade; entretanto, *O pássaro azul – Estórias de encantar* vai mais

além, abordando temas tais como a seca e o amor à terra. Há uma diferenciação também quanto aos elementos identitários, visto que, no conto *Unine* o autor teve a preocupação de escolher nomes de personagens que fazem parte do mundo lúdico e maravilhoso das crianças, como por exemplo o Sol, o mar, e a nuvem, três elementos que fazem parte do universo real, que são símbolos da força e da vida, concomitantemente com Íbis, figura sagrada que ganha vida no interior da narrativa. De outro lado, temos o personagem Corvo que é um pássaro que simboliza a escuridão e a desgraça dos camponeses, mas que se destaca pela sua afabilidade, pelo seu empenho em tornar-se solidário, em querer ajudar na libertação da Unine, e também por se converter num pássaro honesto, preocupando-se em praticar apenas coisas boas na vida. Este tipo de personagem, ou seja, o animal, também está presente no conto *O pássaro azul* e nesse ponto os dois contos se assemelham. Ambos trazem para a literatura infantil as marcas da oralidade, como forma de enaltecer a língua materna que é uma das tendências das literaturas africanas.

As grandes diferenças entre esses dois contos estão nos nomes típicos do povo cabo-verdiano, na forma de tratamento, no sentimento de apego à terra, que é característico dos povos insulares rodeados pelo mar atlântico.

O conto *O pássaro azul*, na sua composição literária é pouco extenso e contém títulos sugestivos nas suas divisões, despertam curiosidade e prendem o leitor, fazendo-o ficar interessado na narrativa. Os títulos são muito expressivos e deixam o leitor ter uma ideia, de forma bem clara, sobre o tema e o assunto que está a ser desenvolvido.

As personagens desta narrativa desempenham um papel bastante dinâmico, participando todas elas na resolução dos conflitos, o que nos indica que o autor tem a preocupação de fechar a história que narra, isto é que o autor cumpre a tarefa de fechar a história.

No conto *Unine*, nota-se que a composição literária é mais extensa. Contém apenas um título (*Unine*), título esse que é sugestivo e que pode levar o leitor a fazer várias leituras antes de entrar na narrativa. Este título, apesar de ser expressivo, ao contrário dos títulos da *Estória de encantar*, não indica o tema a ser desenvolvido, mas desperta no leitor interesse em lê-lo.

Como o conto *Estória de encantar* é uma narrativa fechada, nela também todas as personagens participam activamente na história, contribuindo para o seu desfecho.

Para concluir, podemos dizer que esses dois contos são bastantes originais, na medida em que todos eles retratam o lúdico e o maravilhoso, que fazem com que os leitores saiam do mundo real para o irreal. A presença do campo e do mar é bem aproveitado, visto que esses dois espaços

constituem espaços identitários do povo cabo-verdiano, ou seja, espaços onde o homem cabo-verdiano, desde sempre, procurou o sustento da vida. Sendo assim, podemos dizer que há uma adaptação do assunto à realidade cabo-verdiana. Essas narrativas têm bastantes descrições que ajudam muito na compreensão dos enredos, e são dinâmicas por terem diálogos que ajudam a quebrar a monotonia da narrativa e despoletam nos pequenos leitores o gosto pela leitura.

O enredo dos dois contos tem um desenvolvimento linear e os autores tiveram a preocupação de conceber as narrativas com personagens que possibilitam ao leitor uma identificação.

2.3. - O discurso: linguagem e estilo nos contos Unine e “O pássaro azul” (Estórias de encantar)

Como todo o conto infantil pressupõe uma representação do mundo da criança, a cultura do povo que pertence a esse mundo e a emissão de juízos por parte das personagens encontram-se nele presentes. Por isso, para a sua análise é importante relacionar dois planos: o do discurso e o dos conteúdos narrados, visto que estes dois níveis estão intimamente ligados. Para além do estudo dos valores, há que perceber como funciona o discurso, pois, o plano do discurso pode ser entendido como um plano de análise do texto narrativo que mantém conexão de interdependência com o plano que lhe é correlato.

Segundo Carlos Reis *et al* (1990:105) o discurso narrativo é o produto do acto de enunciar de um narrador que se dirige implícita ou explicitamente a um narratário, ou seja é a forma como o narrador relata a história e dá a conhecer ao leitor os acontecimentos narrados. Ainda, Benveniste (1974) define o discurso como enunciado considerado em função das suas condições de produção, isto porque, ele introduz o sujeito e a situação na descrição da actividade verbal em que sublinha que os locutores não são meros pólos de um circuito comunicativo, mas sim entidades situadas num tempo histórico e num espaço sócio-cultural bem definido que condicionam o seu comportamento linguístico.

Nas duas obras em estudo nota-se que o narrador prende o leitor, neste caso a criança, com um discurso inovador, lúdico e maravilhoso, fazendo deste modo com que o leitor transcenda o mundo real para o irreal. E isto acontece principalmente no conto *Unine*, em que o

mesmo utiliza a fórmula inicial/incipit da narrativa **“Era uma vez”** com o objectivo de transportar o leitor para o mundo mágico.

Uma outra estratégia utilizada pelo Leão Lopes, na obra é a do estatuto do narrador, responsável pelo discurso do conto. Notamos que o narrador não é participante da diegese, ou seja, ele é um mero testemunho, o que lhe possibilita ver as coisas de forma neutra. Ao longo da narrativa ele discursa sobre os factos na terceira pessoa do singular, fazendo o uso do verbo no pretérito-mais-que-perfeito para descrever as acções da narrativa.

Ele mesmo sendo hetero-diegético sabe tudo da narrativa que narra e até os pensamentos das personagens, principalmente os da personagem adjuvante – o corvo. *“...perdera o apetite ao milho e lembrando os conselhos do guardador de sementeira começou a esforçar-se para tornar a sua alma sensível as grandes coisas da vida como o amor, a generosidade, a poesia.”* (p.14) - *“o corvo pensou baixinho: - dois entes encontraram-se”*. (p.22)

Pode-se ver que o narrador tem um grande controlo do pensamento dos personagens, das acções e até do estado psicológico dos mesmos: *“ o Corvo ficou cabisbaixo. Começava a apaixonar-se por Unine tal como o Sol.”* (p.14)

A apresentação das personagens é feita pelo narrador, começando-se pela personagem principal, logo no primeiro parágrafo do conto *“era uma vez uma mãe que teve uma filha muito, muito bonita. Tão bonita que o Sol, mal um dia a viu logo se perdeu de paixão por ela.”* (p.5). Como se pode ver, a personagem é descrita fisicamente e de forma exuberante, visto que a sua beleza é que faz com que o Sol se apaixone por ela, e o narrador fá-lo de forma directa. A sua apresentação física também continua ao longo da narrativa enquanto o seu apaixonado o Sol a procura por todo povoado, ilha e continente perguntando ao mar, à nuvem se não teriam visto “a criatura mais linda”.

Uma outra estratégia que o narrador utiliza para prender o leitor é o uso do diálogo que aparece em forma de discurso directo –*“Mar, não viste a criatura mais bela?* (p.7)”;*“ Ó mar, mar amigo, traz-me a minha menina. Já andei meio mundo e sou já uma velha cansada, por favor mar, tem pena de mim, traz-me minha menina.* (p.24)” com o objectivo de dar maior credibilidade à história que conta. O diálogo que o narrador utiliza é também para quebrar a monotonia da narrativa, fazendo com que a narrativa tenha mais vivacidade e mais dinamismo.

É de salientar que a presença do narrador no enunciado é nula, ou seja, não há nenhuma marca sintáctica da sua intervenção, como por exemplo o uso do pronome pessoal na primeira

peessoa. Ele constrói a narrativa fazendo uso do discurso indirecto e do pretérito-mais-que-perfeito “era uma vez”, tendo em conta que nos contos tradicionais não se sabe exactamente quando é que algo aconteceu com exactidão e esses dois pontos são característicos dos contos, em particular dos tradicionais. Todas as informações são fornecidas única e exclusivamente pelo narrador, e é ele quem controla toda a narrativa até ao fim.

Fazendo parte das literaturas africanas, as literaturas infantis cabo-verdianas, em particular os contos, transportam dentro de si a força da oralidade. Por razões sócio-históricas, Cabo Verde vem-se defrontando com o problema da coexistência da língua dois (portuguesa) com a língua um (materna), fenómeno esse que é conhecido ou designado de bilinguismo o que acaba por enriquecer as literatura africanas.

Outro ponto que vem marcando os escritores africanos é a valorização das línguas nacionais africanas, neste caso, a crioula, em que Leão Lopes faz uso de algumas palavras crioulas com o objectivo de fazer com que a língua do seu povo seja mais conhecida e como exemplo disso temos: «botiado», e «nocente»²⁰, « guarda-cabeça» e «bli»²¹. Vejamos então a seguir o quadro resumo da análise do discurso nos dois contos em estudo:

Discurso		
	Linguagem	Valor Semântico
<i>Unine</i>	Simples e de fácil entendimento com vista a uma comunicação clara e directa, sem marcações temporais e espaciais.	Verbos (ver, fazer, ficar, esconder, perdoar, levar, cantar, tapar, entrar, receber, pôr, entrar, julgar, resolver, espalhar, perguntar, procurar, ser, prometer, dizer, responder, roubar, entender, gostar, morrer, viver, voltar, aprender, andar, fugir...) Adjectivos (bonita, ciumento, entes, feiticeiras, melancólico, melodiosa, triste, companheira, empalidecida, branca, exausto, criatura estranha, guardador, fluorescente, feias, “nocente”). Substantivos (bela, senha, porta, ondas, mar, nuvem, noite, gruta,)

Neste levantamento, as palavras do primeiro conjunto têm em comum uma propriedade importante, ou seja, as entidades envolvidas nas situações por elas descritas sofrem mudança(s). Por exemplo temos os verbos **fazer, levar, receber, voltar, andar** que têm propriedade semântica positiva, ou seja, são dinâmicos. Os verbos **cantar, perdoar, prometer, gostar,**

²⁰ LOPES, Leão – *Unine*, Instituto Camões, Centro Cultural Português. Praia – Mindelo 1998: 12

²¹ Ibidem (1998: 16)

viver remetem-nos para o domínio afectivo, o que quer dizer que essas palavras actuam sobre os pequenos leitores podendo fazê-los mudar o comportamento pela positiva. Por outro lado, temos as palavras **esconder**, **roubar**, **procurar** e **roubar** que nos remete para o domínio cognitivo. As palavras *aprender*, *entender*, *dizer*, *perguntar*, *julgar*, *resolver* que também são do domínio cognitivo mas a nível de solução de problema. Os verbos *ficar*, *pôr*, *tapar*, *espalhar*, *entrar* dizem respeito à actividade física que estão a nível do automatismo o que quer dizer que estes verbos pertencem ao domínio psico-motor. Já as palavras *ser*, *morrer*, *viver* correspondem às fases/etapas da vida e ainda à identidade do homem. Senão vejamos a frase: O João está morto. Apartir deste ser no momento passa a ser identificado como morto.

Os adjectivos acima expostos partilham a propriedade semântica “pessoa” e “seres da natureza”, excepto a palavra *senha*, *gruta* e *porta* que partilham a propriedade semântica “acesso” e remetem-nos para lugar. Embora tenhamos as palavras *triste*, *ciumento*, *companheira*, *melancólico* que nos deixa saber como é que as pessoas são.

Discurso		
	Linguagem	Valor Semântico
<i>O Pássaro azul</i> - (<i>Estórias de encantar</i>)	Simples e de fácil entendimento com vista à comunicação clara e directa mas, marcada pela expressão oral.	Verbos (ver, contrariar, aproximar, agarrar, ir, reparar, esvoaçar, afastar, correr, querer, iluminar, falar, tornar, secar). Adjectivos (majestosa, deliciosas, deserta, seca, desolada, maravilhoso, grande, ressequida, grandiosa, alto) Substantivos (montes, mar, ribeiras, terra, covas, cidade).

Neste segundo levantamento, o primeiro grupo tem em comum uma propriedade semântica parafraseável por “**aquele que faz x**”. Dito de uma outra forma os verbos *ver*, *aproximar*, *agarrar*, *ir*, *correr*, *esvoaçar*, *tornar* e *falar* são do domínio psico-motor. As palavras *deliciosa* e *maravilhoso*, classificadas por adjectivos, partilham a propriedade semântica “sabor” e juntamente com *majestosa*, *grandiosa*, *grande* remetem-nos para afectividade, enquanto que *deserta*, *seca*, *desolada* e *ressequida* possuem uma propriedade semântica negativa que desqualificam algo. Por sua vez, os substantivos seleccionados partilham o mesmo campo semântico “lugar”.

Para concluir, podemos dizer que as duas obras infantis cabo-verdianas *Unine* e *O pássaro azul – (Estórias de encantar)* apesar de terem uma linguagem simples, de fácil

entendimento, adequada aos pequenos leitores, têm uma riqueza vocabular imprescindível, que suscita os pequenos leitores a procurarem o significado desses vocábulos, o que acaba por lhes abrir os horizontes, e logo, acaba por contribuir para o desenvolvimento e enriquecimento do seu vocabulário.

Capítulo III

O aproveitamento do Conto infantil do ensino básico para o secundário

3.1 – Justificação do estudo de caso

Segundo alguns teóricos, o estudo de caso é uma opção metodológica adequada para se poder avaliar um determinado problema. É, pois, neste âmbito que encetámos um estudo com os alunos de uma turma do ensino básico integrado, com o intuito de saber como é que os mesmos agem perante a leitura dos contos infantis no ensino; se estes participam da construção do imaginário e do desenvolvimento do hábito/gosto de leitura. Ao mesmo tempo tentamos partilhar com eles informações sobre os contos infantis já que estes fazem parte dos conteúdos curriculares no ensino secundário.

Clementina Furtado (2008:33) citando Daniel Pennac diz que actualmente vivemos num período de crise de leitura, de lamentações contínuas e ubíquas, em que se sente e se ouve muito dizer que os alunos não gostam de ler, e que por isso é importante conhecer as razões dessa desmotivação para a leitura literária, sendo que esta actividade proporciona momentos lúdicos, viagens ao imaginário e conhecimentos em várias áreas do saber. O mesmo refere ainda que é necessário ensinar os alunos a ler, mas com prazer.

Deste modo, é preciso que a família, a escola e os professores façam um trabalho em conjunto, de forma a estimular nos alunos/filhos o gosto pela leitura. Cabe ainda aos professores, em particular, traçarem estratégias de motivação que levem os alunos a lerem os textos literários de forma prazerosa, fazendo do livro fonte de prazer e objecto de conhecimento, mas tendo sempre em conta o texto, o contexto e o leitor, que são os três elementos da leitura.

Sendo assim, vê-se que não é do nada que os alunos ganham o gosto/hábito para a leitura dos textos narrativos. É preciso estimulá-los a ler, e neste âmbito, porque não começar com contos infantis, contos esses que suscitam o imaginário e despertam a curiosidade desses pequenos leitores ajudando-os a resolver pequenos problemas da vida prática do dia-a-dia.

Por isso, torna-se imprescindível estudar os contos infantis na quinta e sexta classe do ensino básico, ou seja, no último ciclo do Ensino Básico Integrado, período em que prevalece o interesse pela literatura fantástico-realista. Estudar contos nessa fase pode ser importante para a formação ética, intelectual e psíquica das crianças, visto que elas se encontram na fase de operações concretas (7 aos 11/12 anos) em que os seus raciocínios estão ligados ao concreto, exercendo-se preferencialmente sobre os factos e suas relações, de acordo com Glória Bastos (1999:36).

Estudar os contos infantis no último ciclo do Ensino Básico Integrado poderá ter um impacto muito grande no primeiro ciclo do Ensino Secundário, se o professor não utilizar textos literários infantis apenas como pretexto para trabalhar a gramática, o vocabulário e os valores que regem a vida do homem, mas fazer o aluno tirar a moral da história em estudo, e ainda trabalhar a história/origem, as características, as funções, as estruturas dos contos. Assim, o professor consegue orientar e através da leitura e de uma interpretação básica desses contos ajudar os alunos a buscarem o sentido para a vida, com afirma Bruno Bettelheim.

A escolha dos texto requer muito cuidado por parte do professor, pois este terá que saber escolher textos ligados à faixa etária das crianças e à sua realidade cultural para que no Ensino Secundário o discente esteja mais preparado em abordá-lo em diferentes perspectivas, tendo em conta que ele já tem uma base mais sólida sobre os contos.

3.2 - Caracterização da Escola de Tira Chapéu

Identificação: Escola número XII, Pólo número XIX- Tira Chapéu

Gestor: Manuel António Timas

A escola número XII, Pólo número XIX – Tira Chapéu, fica situada na cidade da Praia, mais precisamente em Tira Chapéu, que é um bairro com fracos recursos económicos, dado que se reflecte bastante na vida escolar, acreditamos que isso se deve ao facto de muitas pessoas não terem habilitações literárias mínimas, e de aí existir um número significativo de desempregados. Sendo assim, muitos dos habitantes do bairro não terão meios suficientes para financiar aos seus filhos materiais didácticos para o estudo.

Trata-se de uma zona problemática porque, como se sabe, muitos dos jovens se refugiam nas drogas, no álcool, na prostituição e no roubo, justificando que essa realidade é reflexo da falta de emprego. Contudo, como todos os bairros da capital têm escolas, que são condições essenciais

para que a sociedade cabo-verdiana mais tarde venha a ter quadros importantes, que poderão ajudar o país a desenvolver-se social e financeiramente, pensamos que futuramente esses problemas poderão vir a ser ultrapassados.

A escola deste bairro é um “satélite”, integra uma outra chamada Capelinha, que é pólo central número XII e é constituída por um total de oitocentos e quinze alunos, distribuídos por vinte e nove professores, efectivos, e com formações adequadas, ou seja, todos têm curso de professores feitos no Instituto Pedagógico. Ela dispõe de doze salas de aula e quatro no satélite. É constituída ainda por duas cozinhas, uma na escola central e outra no satélite. A mesma possui ainda duas secretarias, uma em cada escola, onde trabalham respectivamente dois secretários. Uma professora trabalha em regime de substituição na escola central. O pólo central recebe alunos oriundos da zona e, também uma pequena minoria provém de Achada de Santo António e de Bela Vista.

Os alunos são na maioria filhos de pais com baixo nível económico (pescadores, vendedeiras ambulantes, peixeiras e muitos desempregados).

Durante o ano lectivo depara-se com alguns casos de desistência e de transferências. Há uma fraca aproximação dos pais à escola. Entre os professores há uma boa relação e destes com o gestor que administra a escola com responsabilidade. Esta escola dispõe ainda de um armazém onde são guardados os géneros do ICASE²², com dois guardas, um diurno e outro nocturno.

Quanto às condições de acesso, o pólo, em geral, não apresenta dificuldades para os alunos, pois estes moram na área escolar e poucos se deslocam em transportes privados, com excepção dos que moram na zona de Bela Vista.

O pólo central tem uma vedação, mas esta não oferece segurança total, visto que pode ser facilmente ultrapassada, podendo ocorrer roubos, pois há um único guarda, quer no período diurno, quer no período nocturno, o que é insuficiente dada a dimensão da escola. Na escola satélite também há vedação, mas esta é mais vulnerável dado que fica situada entre as habitações, não tem guarda e durante as férias sofre roubos.

Na escola central há casas de banho para professores e alunos por sexo, água canalizada, duas empregadas de limpeza que se esforçam para dar cobertura a toda a escola. São realizadas campanhas de limpeza na escola com participação dos professores, alunos e alguns pais ou

²² ICASE – Instituto Cabo-verdiano de Apoio Social Escolar

encarregados de educação. Os alunos apresentam-se com uniforme e em geral o nível de higiene pessoal é aceitável.

A escola satélite também dispõe de água corrente, conta com empregadas de limpeza e também nela são realizadas campanhas de limpeza. As instalações sanitárias funcionam de forma razoável.

Existem alguns espaços verdes na escola central, por exemplo os canteiros, as hortas que servem para o enriquecimento da refeição da escola e pátios espaçosos onde se ministram as aulas de educação física e outras actividades. Na escola satélite existe um pequeno pátio que não é muito utilizado dado ao número maior de alunos.

3.3- Observação directa da prática pedagógica – a leitura dos contos tradicionais

3.3.1 – Análise de dados I - sobre a motivação para a leitura

A leitura é uma das ferramentas indispensáveis à vida na sociedade. O sucesso escolar, o sucesso profissional, a liberdade e a ascensão social, bem como a autonomia do cidadão, dependem, em grande parte, da capacidade de leitura,(Borges 1998:77). Por isso, aprender a ler hoje na sociedade é uma necessidade básica para nela se poder viver, ser aceite e participar na construção da mesma. Portanto, neste capítulo, iremos apresentar as análises dos dados recolhidos através de um inquérito aplicado aos alunos, observação das aulas, guião de observação das aulas e participação na mesma com o objectivo de colher informações de forma mais precisa para a formulação da nossa proposta de estratégias de promoção da leitura.

Para que a análise fosse realizada escolhemos a “Turma N”²³ da escola do Ensino Básico Integrado. A Turma é constituída por vinte três alunos, sendo dezassete de sexo masculino e seis de sexo feminino. As variáveis que delimitámos para fazer o levantamento foram: A tipologia de livros; O último livro lido; O gosto pela leitura; O hábito de leitura; A frequência com que os filhos pedem livros aos pais; A frequência com que os pais oferecem livros aos filhos; A frequência da leitura; O objectivo da leitura; O professor como incentivo da leitura e a forma como o aluno ocupa o seu tempo livre.

²³ Nome fictício

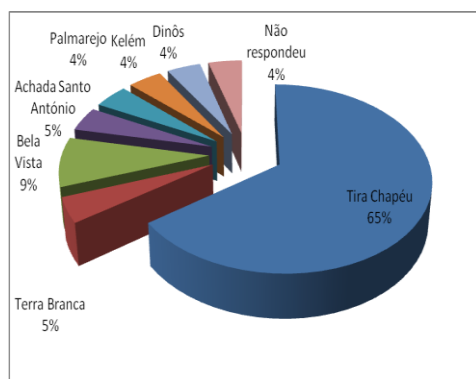


Gráfico 1: Distribuição quanto à zona

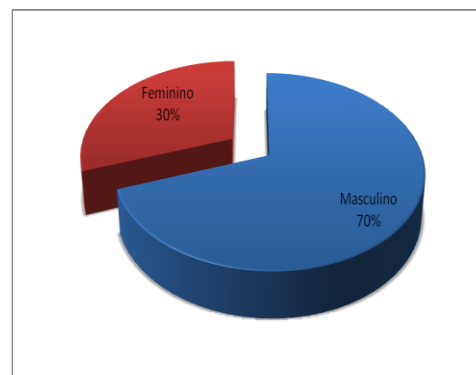


Gráfico 2: Distribuição quanto ao sexo

Na “Turma N” há um predomínio de rapazes, correspondente a 70%, em detrimento das raparigas. A turma é heterogénea, em termos sociais, ou seja, é composta por alunos de várias zonas da capital, mas com uma maior incidência do bairro de Tira Chapéu.

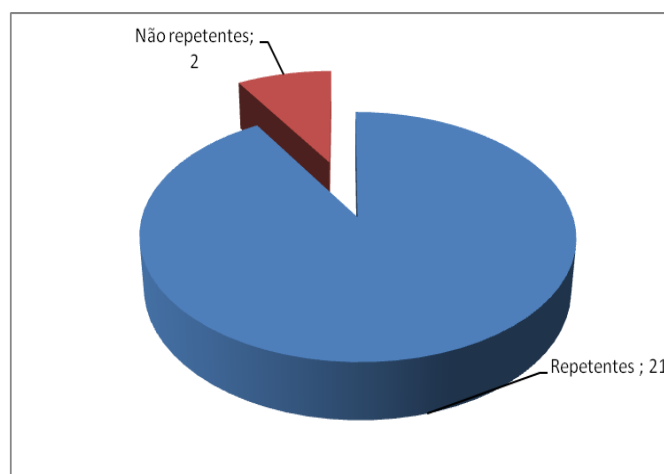


Gráfico 3: Distribuição quanto à repetência

A “Turma N” apresenta um elevado número de alunos repetentes, registando uma taxa de 91%, correspondendo 9% apenas aos que nunca reprovaram.

Gostas de ler?

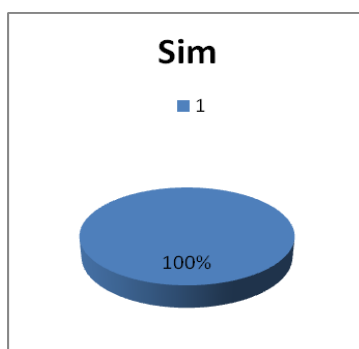


Gráfico 4: Distribuição quanto ao gosto pela leitura.

Tens hábito de ler?

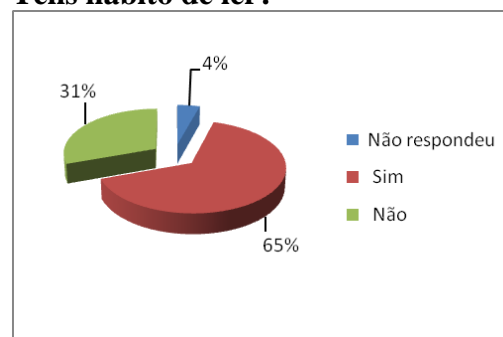


Gráfico 5: Distribuição quanto ao hábito de leitura

A partir da questão “**Gostas de ler?**” e da questão “**Tens o hábito de ler?**” podemos constatar que os vinte e três inquiridos, correspondente a 100%, afirmam que gostam de ler. No entanto, apenas 65% deles dizem ter o hábito de ler, 4,% não respondeu à questão, 31% afirmam não ter o hábito de ler, o que acaba por nos surpreender na medida em que todos afirmam que gostam de ler. Pois, parte-se do princípio que quando se tem o gosto por alguma coisa tenta-se fazê-la. Tendo a frequência e o exercício de leitura, pode-se decifrar os signos escritos do texto, que ajudam na prática coerente da compreensão e descoberta das linhas de sentido, José António (1996:34). O recurso ao livro pode tornar-se num repositório de conhecimentos e de prazer. Acredita-se que a criança deve estar em contacto constante com o livro, sempre que possível, para que se ela possa ganhar o gosto e o hábito pela leitura.

Gosta de ler nas aulas de língua portuguesa?

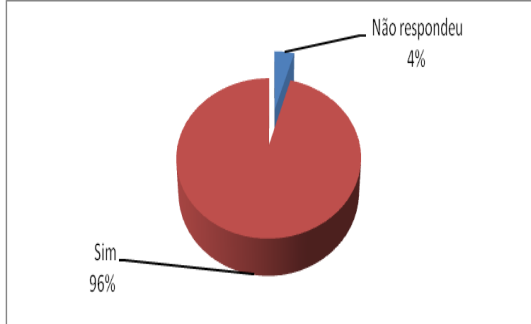


Gráfico 6: Distribuição quanto ao gosto da leitura nas aulas de Língua Portuguesa

Com que frequência lê?

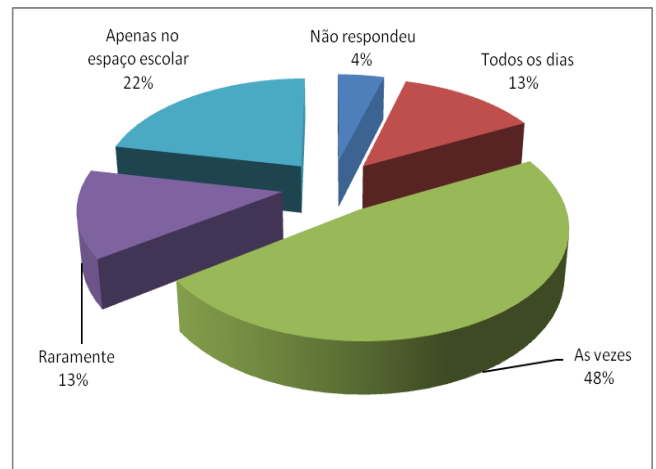


Gráfico 7: Frequência quanto à leitura

Ao confrontarmos os dados sobre o gosto pela leitura e o hábito da leitura, podemos constatar que os alunos inquiridos ainda não ganharam o hábito da leitura, porque, se repararmos na **gráfico 7** - frequência quanto à leitura, a maioria dos inquiridos, que corresponde a 48%, lê às vezes, e 22% lê apenas no espaço escolar. A partir dessa análise, concluímos que os inquiridos gostam de ler, mas não o fazem porque não têm ainda incutido neles esse hábito, e isso talvez se deva ao facto de não conhecerem a importância/os benefícios da leitura nas suas vidas. Nota-se que 4% não respondeu à questão, 13% lê, mas isso acontece raramente, e uma outra parte, que também corresponde a 13%, lê todos os dias, mas mesmo assim acreditamos que estes apenas lêem no espaço escolar ou quando se encontram na aula de Língua Portuguesa. É possível averiguar-se isso a partir da **gráfico 8** em que a maioria dos inquiridos afirma que gostam de ler na aula de língua portuguesa, ou quando lhes é solicitado que façam a leitura do manual de estudo com o objectivo de se prepararem para a aula do dia seguinte, ou ainda para teste o

sumativo. O **gráfico 8** é esclarecedor quanto a isso, quando se lhes pergunta se lêem em casa e 87% afirmam que não, enquanto 9% afirma que sim.

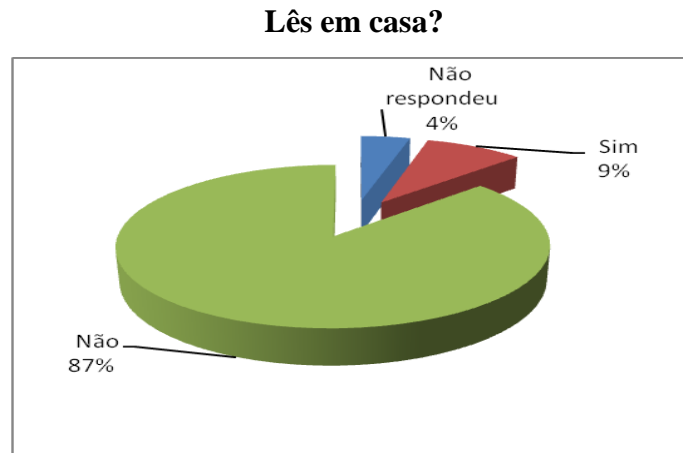


Gráfico 8: Distribuição dos alunos que lêem em casa

Uma parte significativa dos alunos inquiridos não tem livros de contos em casa. E tendo livros em casa a criança, directa e indirectamente acaba por ser estimulada a praticar leitura. Acreditamos que tendo apenas livros escolares em casa, como 56% afirmam na **gráfico 9**, a criança não é estimulada a ganhar o gosto pela leitura, porque ela associa o livro escolar ao estudo e não ao prazer, mesmo sabendo que este contém textos/histórias que muitas vezes suscita o lúdico e o maravilhoso. Apenas 13% dos alunos afirmam ter livros de contos e 9% têm outros tipos de livros e banda desenhada, livros esses que os incentivam a ler, ajudando-os a compreender a história narrada.

Que tipo de livros?

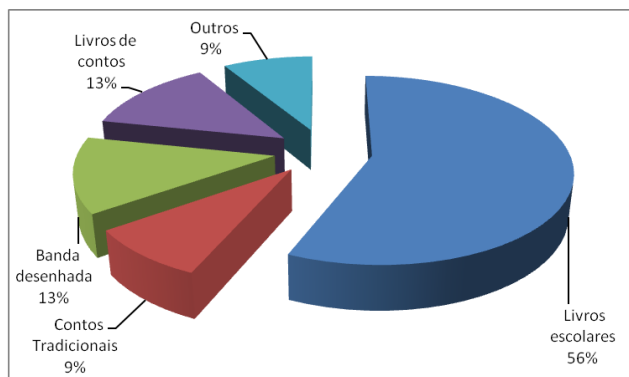


Gráfico 9: Distribuição quanto à tipologia de livros

Costumas pedir livros aos teus pais?

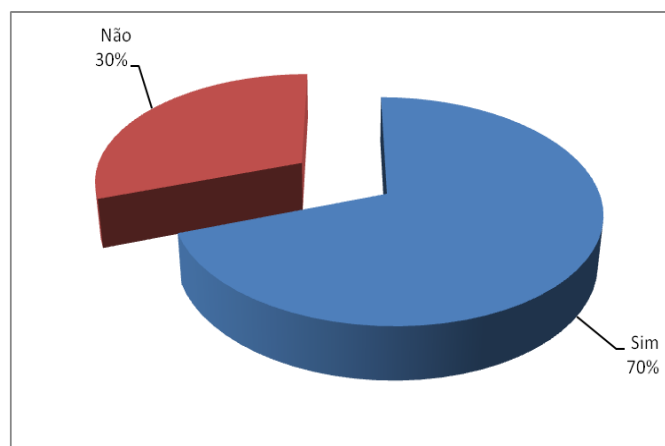


Gráfico 10: Distribuição quanto à solicitação de livros

Dos vinte três inquiridos, aproximadamente 70%, representando 16 alunos, costuma pedir livros aos pais, e 30% não pede livros, o que mostra um pouco de desinteresse por parte dos alunos e também dos pais visto que, a maioria deles, (52%) não oferece livros aos seus filhos e pudémos constatar essa realidade durante as aulas assistidas, ou seja eram poucos alunos que levavam materiais para a aula e, a partir de uma conversa informal com a professora responsável da “Turma N”, a mesma afirmou que os alunos raramente levam manuais de estudo (livros, textos policopiados) para a escola. Contudo, há 39% dos pais às vezes oferecem livros aos filhos e a mesma percentagem nunca oferece livros aos mesmos. Também há uma percentagem de pais

que, embora menor, têm a preocupação de investir na educação dos seus filhos, (13%) oferecendo-lhes livros, enquanto que 9% não respondeu à questão colocada. Estimular o gosto pela leitura é fazer com que as crianças se tornem autores dos seus pensamentos, das suas posições perante qualquer assunto, porquanto nela está a ser cultivado o vocabulário de forma implícita que a fará expressar-se fluentemente na sociedade, o que só é possível se os pais oferecerem livros aos seus filhos com muita frequência.

Se, sim com que frequência?

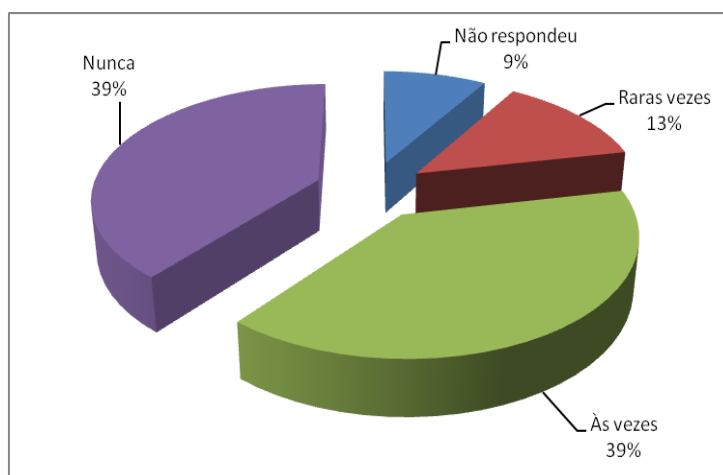


Gráfico 11: Distribuição dos pais que oferecem livros aos filhos

Sendo assim, torna-se impriscendível o cultivo do hábito de presentear os filhos com os livros, que não sejam apenas escolares (pequenos romances, aventuras). É necessário conquistar e possuir o livro. A criança pode ser iniciada nesta batalha se formos capazes de lhe cultivar e lhe estimular o desejo e o gosto pelos livros, pela imagem que o livro expressa, e pela aventura de ler a fundo, de reflectir e gozar as mil situações e peripécias que os livros trazem.²⁴ Isso, acreditamos, que pode ser conseguido com livros que lhes despertam a curiosidade, como os que têm capas coloridas, que têm boas ilustrações, e que têm histórias adequadas à sua faixa etária, o que faz com que a criança se desenvolva intelectual e afectivamente e a fá-la ter uma boa capacidade de assimilação.

²⁴ MONZANO, M. G. (1988:15). *A criança e a leitura*. Porto editora.

Os teus pais oferecem-te livros?

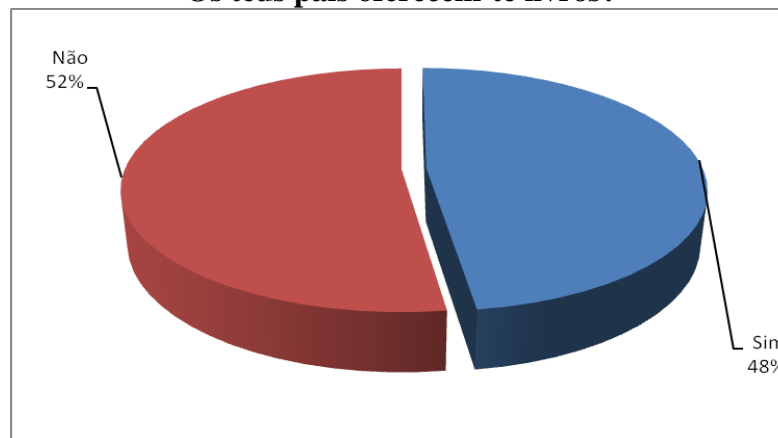


Gráfico 12: Frequência dos pais que oferecem livros aos filhos

Incidindo sobre o **gráfico 12**, podemos verificar que 48% dos pais oferecem livros aos seus filhos, enquanto 52% não, o que é preocupante, visto que são os pais os primeiros agentes da promoção da leitura. Cabe-lhes o papel de incentivar os educandos a lerem, seleccionando uma boa obra infantil, cujo texto seja simples e ao mesmo tempo rico em vocabulário, expressivo e que conquiste o interesse do aluno.

Se sim, qual o último livro que leste?

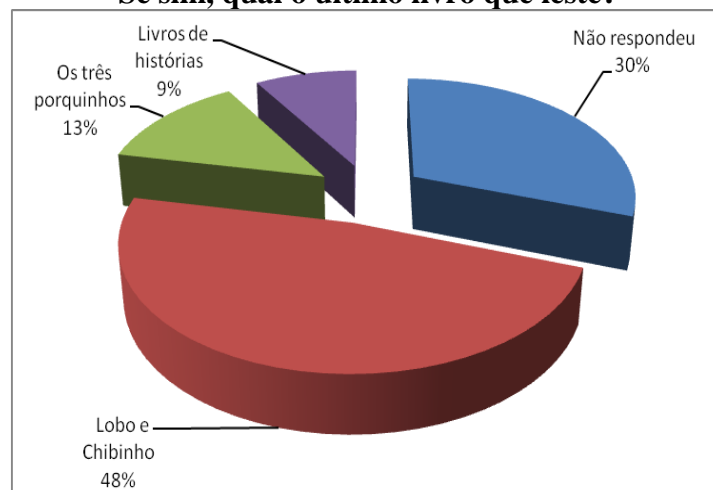


Gráfico 13: Último livro lido

Apesar de constatararmos que a maioria dos inquiridos não tem o hábito de ler, ficamos a saber que uma boa parte (48%) deles já leu o conto tradicional *Lobo e Chibinho*. Mas, pensamos que isso se deve ao facto de que, nos últimos tempos, a escola tem sido o local de lançamento da iniciativa com o objectivo de promover a leitura de histórias tradicionais que desde sempre fizeram parte da cultura cabo-verdiana. O interessante é que 13% dos entrevistados também se

interessa por contos não nacionais (*Os três porquinhos*), ou seja, já o leram. *Os três porquinhos* é um conto que se caracteriza por uma dimensão poética muito rica, isto é, centra a atenção do leitor na própria forma de mensagem. Esse conto também faz com que a criança experimente a dimensão poética através do processo lúdico, e isso acontece quando o leitor se aproxima da leitura de forma afectiva. É de salientar que os pequenos leitores ao lerem os contos infantis muitas vezes projectam o papel dos personagens com os comportamentos que eles mesmos têm no dia-a-dia, e o processo da identidade começa a actuar-se, visto que criança tenta reconhecer-se. A personagem dos contos converte-se para ela num agente de criatividade e de coragem. Dos inquiridos sobre a mesma questão, 9% já leu livros de histórias e 30% não respondeu à questão, talvez porque não estejam a lembrar do título do último livro que leram.

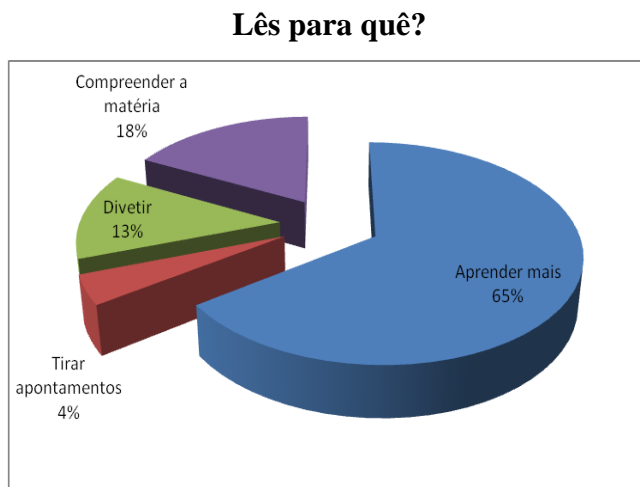


Gráfico 14: Motivos da leitura

A literatura, em si, não é o espaço adequado para propagar conhecimentos, contudo não deixa de enriquecer progressivamente o leitor. Ao que parece, sempre que lemos é porque temos algum motivo para tal. E perante a questão “**Lês para quê**” tivémos a oportunidade de averiguar que 65% dos entrevistados lêem para aprenderem mais; 18% lêem para compreenderem a matéria, 4% lêem para tirar apontamentos, enquanto que 13% lêem para se divertirem, o que nos leva a concluir que os inquiridos lêem quando se lhes é solicitado.

Portanto, os alunos não lêem por prazer, mas por motivos pontuais. Desta forma, é necessário incentivar ou mostrar aos alunos o prazer que o livro pode lhes proporcionar e as suas vantagens, como adquirir cultura e satisfazer-se pessoal e socialmente. E este trabalho exige

cooperação entre pais/encarregados de educação com a escola e a comunidade em geral, pois a leitura é um acto inteligente.

Lendo por prazer também se dá acesso ao conhecimento e ao sucesso, tanto académico como social. Lendo, os nossos educandos têm a chance de conhecer outras fronteiras.

Já leste *Unine* e *Estórias de encantar*?

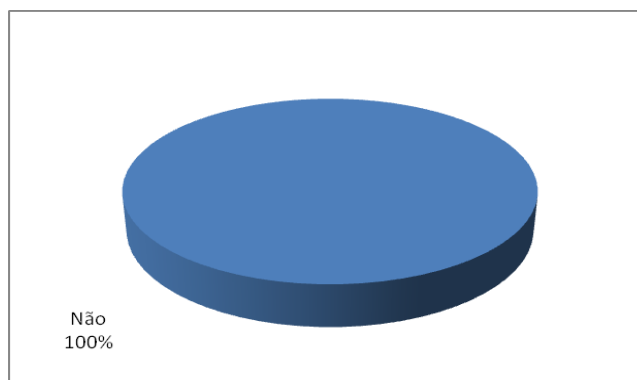


Gráfico 15: Distribuição quanto à leitura de *Unine* e *Estórias de encantar*

Quanto à questão “**Já leste *Unine* e *Estórias de encantar*?**” que são contos populares cabo-verdianos, 100% dos entrevistados não os conhecem, portanto, não os leram. Perante esse facto, podemos pensar que há um número limitado de contos cabo-verdianos que são conhecidos pelos leitores da escola inquirida e durante as aulas assistidas tivemos a oportunidade de averiguar que os contos mais conhecidos entre a população inquirida são: *O Bulimundo*, *O lobo e o Chibinho*, são contos que são trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa como conteúdo de ensino e a partir deles é trabalhado o funcionamento da língua, os valores às vezes, a origem e a função dos mesmos, dependendo de professor para professor segundo a professora “Joana”²⁵.

²⁵ Nome fictício

É o teu professor quem te incentiva a ler?

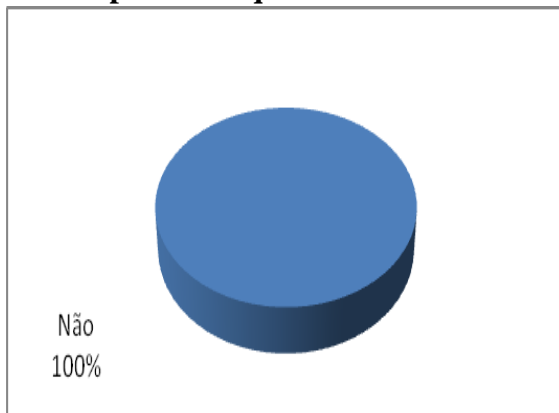


Gráfico 16: Distribuição quanto à motivação da leitura.

Gostas dos textos que o teu professor trabalha na sala de aula?

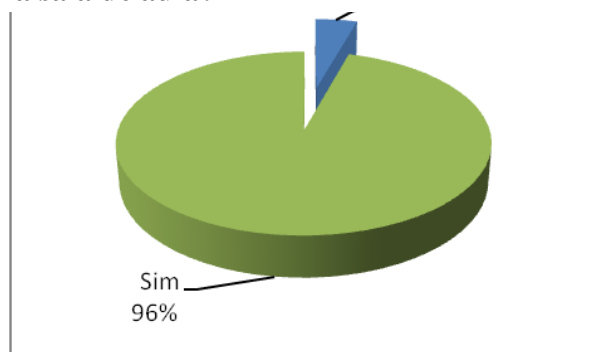


Gráfico 17: Distribuição quanto à simpatia dos textos trabalhados na sala de aula pelo professor

A escola deve desempenhar um papel importante na formação dos pequenos leitores. Para isso, ela tem de promover nas crianças o poder de ler, que é um processo contínuo. Portanto, ao cruzarmos os dados do **gráfico 16:** Distribuição quanto à motivação da leitura, e os dados do **gráfico 17:** Distribuição quanto à simpatia pelos textos trabalhados na sala de aula pelo professor, concluímos da necessidade de o docente, enquanto agente educador, incutir nos alunos o hábito de praticarem a leitura incentivando os seus alunos a lerem. O **gráfico 16** é explicativo quanto a isso, pois demonstra que 100% dos inquiridos afirma que é o próprio professor que os incentiva a lerem.

Ao cruzarmos os dados dessa tabela com o **gráfico 17** fica claro que tal se deve ao facto de o docente escolher, na maioria das vezes, textos que vão ao encontro do gosto deles, visto que 96% confessa gostar dos textos trabalhados na sala de aula pelo mesmo. Acreditamos que os alunos gostam dos textos escolhidos pelo professor, talvez porque nem sempre o docente utiliza os textos para os avaliar. Se assim fosse talvez eles não gostassem, teriam antipatia pelos mesmos. É preciso igualmente que os professores partilhem os conhecimentos sobre as obras disponíveis inquirindo os alunos sobre o tipo e hábito de leitura, que desenvolvam a iniciativa de criar espaços de leitura e discussão sobre as histórias lidas para assim poderem criar nos alunos o gosto/hábito pela leitura.

O que gostas de fazer nos teus tempos livres?

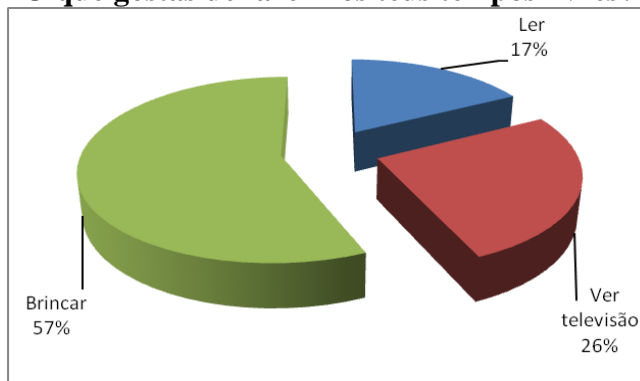


Gráfico 18: Distribuição quanto à ocupação dos tempos livres

Ao efectuar a análise da ocupação dos tempos livres dos alunos, para verificarmos se os mesmos praticam a leitura nos seus tempos livres, pudémos apurar que isso na verdade não acontece uma vez que a maioria, ou seja, 57% ocupa os seus tempos brincando, 26% aproveita para ver televisão, enquanto que apenas 17% goza da leitura. Isso preocupa-nos quando todos eles afirmam que gostam de ler, em termos de ocupação de tempos livres **tabela 18** isso não se verifica.

3.3.2 - Análise de dados II - professor na promoção da leitura

A leitura é um processo complexo, influenciado por numerosos factores linguísticos, cognitivos e sociais. Mas, apesar da sua complexidade é, em grande medida, dependente da linguagem oral.²⁶

No Ensino Básico e Integrado, onde as crianças estão na fase das primeiras etapas de aquisição da leitura, e onde nos deparamos com a existência de problemas de fala e de fraco domínio das regras básicas de funcionamento da língua portuguesa, que convive com a língua materna e em situação de desvantagem, torna-se imprescindível que o professor, como orientador, ajude o aluno a ultrapassar esses problemas, levando-o a desenvolver a sua consciência fonológica fazendo desta forma que ele combine ou suprima os elementos sonoros das palavras orais e não só. Para isso, cabe-lhe motivar o aluno a aprender a ler, a ganhar o

²⁶ **ELIAS**, Carmina Pereira – *Promover a literacia da leitura à prática* – Pré-escolar (4 a 6 anos), Edição Associação de paralesia cerebral de Coimbra, Março de 2005:9

gosto/hábito da leitura traçando estratégias de motivação à leitura, quer dentro ou fora do espaço escolar.

Segundo Carmina Elias (2005:11), o não ensino da leitura espelha-se nas elevadas taxas de insucesso escolar, afectando todo o desempenho escolar. Por isso, a escola/professor deve promover a leitura, favorecendo ambiente agradável para esta prática, e diversificando tipos de textos que vão ao encontro do gosto e da expectativa do aluno para que assim ele possa suprimir a sua dificuldade e encontrar soluções para as suas inquietações na vida prática. Por isso, o professor, como intermediário da aprendizagem da leitura terá que desempenhar um papel activo, proporcionando ao aluno o prazer de leitura, e como modelo deve ler textos com entoação e com ritmo, procurando, sempre que seja necessário, promover dramatizações e debates, visto que estas são actividades que os alunos mais gostam na aula de Língua e que fazem com que eles pratiquem e desenvolvam a Língua.

Teresa Balté frisa ainda que os professores têm um papel importante, ao longo do processo de leitura e que, por isso, devem pautar-se por uma aula de Língua activa, significativa, criativa, lúdica, formativa, sempre teórico-prática, e que seja uma aula atractiva e proveitosa para os alunos.²⁷

Para verificarmos se a promoção da leitura tem estado a ocorrer no Ensino Básico e Integrado, neste capítulo iremos apresentar os dados analisados através de inquéritos dirigidos ao professor desta escola do Ensino Básico e Integrado de Tira Chapéu. Para essa análise, tivemos como corpus 34% que representa dez professores. De acordo com as respostas obtidas no inquérito, tivemos a oportunidade de verificar que todos os professores desta escola são formados no Instituto Pedagógico, o que nos deixa saber que eles têm formação adequada e todos eles possuem uma vasta experiência em trabalhar com os alunos. As variáveis que delimitamos para fazer o levantamento dos dados foram: Gosto pela leitura, Preferência dos alunos, Tipos de texto que os alunos preferem, Respeito pela preferência dos alunos.

²⁷ **BALTÉ**, Teresa, *O ensino da leitura I*, editorial Estampa, Lda, Outubro de 1976:37

Os seus alunos gostam de ler?

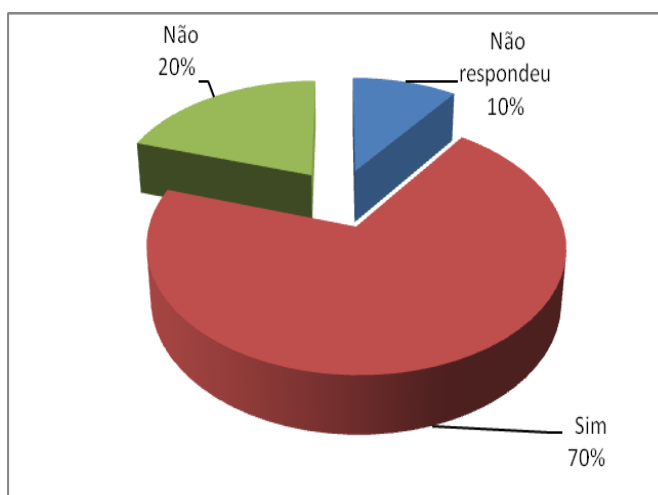


Gráfico 19: Frequência quanto ao gosto pela leitura

Dos dez professores inquiridos sobre a promoção da leitura, ficamos a saber que 70% dos alunos desta escola gosta de ler, contra 20% que não gosta, e 10% dos inquiridos não respondeu à questão, o que nos deixa pensar que, mesmo tendo muita experiência profissional, esses professores ainda não têm ideia sobre que tipo de textos os seus alunos preferem, o que demonstra que não conhece os seus alunos.

Que tipo de texto prefere os seus alunos?

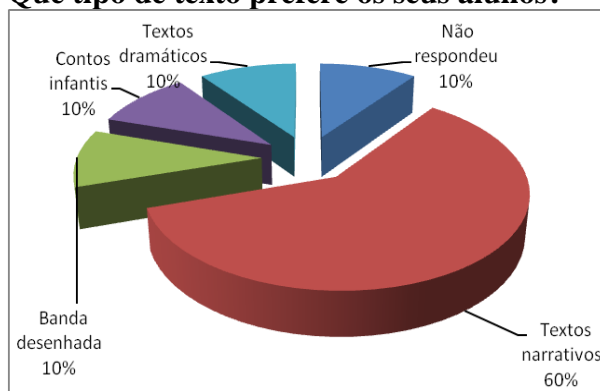


Gráfico 21: Distribuição quanto à preferência

Costuma respeitar essas preferências?

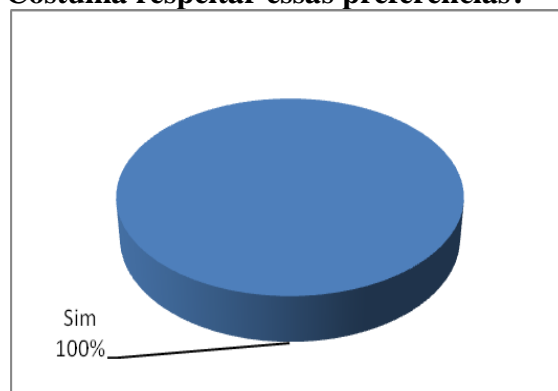


Gráfico 20: Distribuição quanto ao respeito das preferências

Cruzando o **gráfico 20**, do conhecimento da preferência dos alunos, com o **21** pudémos verificar que uma boa parte dos professores conhecem a preferência dos seus alunos, tanto é que 60% deles afirmam que os alunos preferem textos narrativos, contra 10% que preferem

banda desenhada, contos infantis e textos dramáticos. 10% não respondeu à questão, o que nos faz pensar que estes ainda não conhecem o tipo de texto que o seu aluno prefere, o que acaba por confirmar a questão do **gráfico 4**. Conhecendo as preferências dos alunos, 100% dos inquiridos afirma respeitar essa preferência, embora não com muita frequência, o que pode verificar no **gráfico 7**, quando 30% dos professores frequentemente respeitam essa preferência, contra 70% que às vezes respeita.

Pensamos que, para que haja a promoção da leitura muitas vezes é necessário que o professor conheça os tipos de texto que os seus educandos preferem para que assim ele possa cultivar nos alunos o gosto/hábito de leitura. Mas, sabendo também que há determinados tipos de textos que os alunos não gostam, o professor poderá escolher textos que abordem temáticas do quotidiano, como por exemplo o amor, a paixão, o sexo, o tabagismo, a droga, de entre outros, porque, como se sabe, esses tipos de textos despertam a curiosidade dos alunos em ler porque o texto é interessante ou porque se identifica com o que está a ser aprovado.

Como sabemos, muitos alunos não gostam de textos poéticos porque acham que a poesia é muito “**chata**” e como forma do professor fazer com que o aluno passe a gostar desse tipo de texto, nada melhor do que levar a versão musicada do referido poema para a sala de aula, que será uma aula de escuta activa e ali todos vão querer participar activamente preenchendo o texto e posteriormente analisando o poema quanto ao conteúdo; o professor ainda poderá apagar palavras de a poesia que tenha escolhido para trabalhar e, em voz alta ler o poema para os educandos preencherem os espaços em branco. Esse tipo de aula activa faz com que o aluno ganhe gosto pela leitura e que a aula não seja monótona. Na aula da poesia deve-se explorar o ritmo, a musicalidade e os aspectos melódicos que são fáceis de fixar.

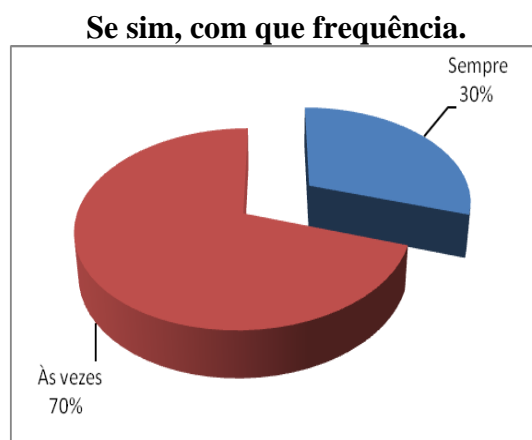


Gráfico 22: Frequência quanto ao respeito pelas preferências

Pensamos que, ao respeitar sempre as preferências dos alunos, o professor não está a fazer com que os alunos ganhem o gosto pela leitura. O equilíbrio também é bom e isso pôde ser verificado no **gráfico 22** em que apenas 30% dos inquiridos (sempre) respeita as preferências dos alunos, enquanto que 70% às vezes o faz. Ao levar para a aula uma grande variedade de textos, diversificar as estratégias de trabalho e respeitar sempre que possíveis as preferências dos alunos, os docentes acabam por incutir nos alunos o gosto pela leitura.

Nas reuniões de coordenação discutem-se metodologias para exploração de textos?

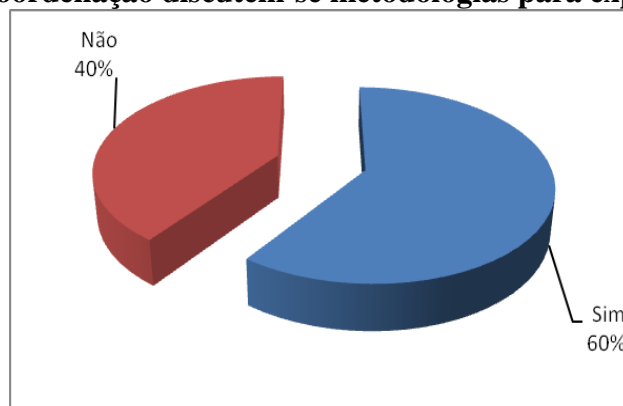


Gráfico 23: Frequência quanto à metodologia de exploração de textos

A partir do **gráfico 23** averiguámos que os textos que os professores trabalham com os alunos na sala de aula são discutidos nas reuniões de coordenação e isso se verifica, quando 60% dos inquiridos afirma que sim, embora 40% dos mesmos diga que não nesse caso, se a escola é uma instituição de ensino que requer um ensino de qualidade, é preciso que nas reuniões de coordenação sejam discutidas as metodologias mais adequadas para trabalhar os textos, para que os conteúdos possam ser leccionados de forma homogênea.

Os textos que escolhem são direccionados para trabalhar valores?

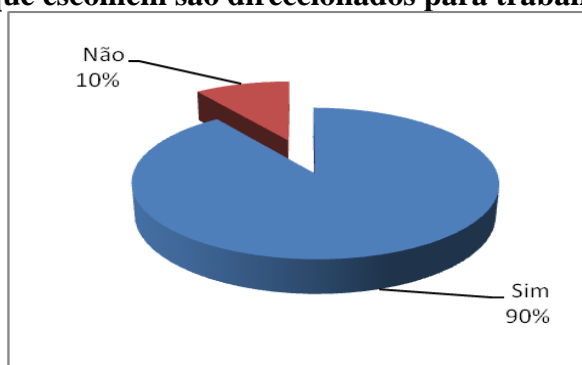


Gráfico 24: Frequência quanto à valores

Segundo, a professora “Joana” da escola inquirida, os valores na escola são estudados na vertente da educação para a cidadania e nada é melhor do que aproveitar os contos infantis para fazer este trabalho, uma vez que os mesmos retratam valores pelos quais a vida na sociedade é regida, para além de conterem moral que devem ser objecto de reflexão por parte das crianças leitoras.

A preocupação da direcção em propor textos que retratam valores é notória, visto que, 90% dos inquiridos afirma que os textos escolhidos pela direcção é para trabalhar valores, enquanto que 10% que afirma que não.

Tais dados levam a supor que a educação para a cidadania, sendo uma nova unidade de ensino, ajuda a reforçar a formação e a educação das crianças, tanto na escola, como em casa e na comunidade. Educar para a cidadania implica, pois, munir as pessoas de informações de como devem agir quando têm direitos e deveres a cumprir. E também ajuda-os a conhecer quais os valores capazes de as converter em cidadãos activos, responsáveis, participativos e solucionadores dos problemas que afectam a sociedade onde se encontram inseridas. O cidadão deve ser formado do ponto de vista ético, ter atitudes morais correctas. Portanto, fomentar comportamentos que alarguem a sua forma de vivenciar o mundo, desenvolver e defender valores adequados à sociedade, como afirma Albertino Martins *et al.*

Os textos que a Direcção da escola estabelece para serem trabalhados são ricos em vocabulário?

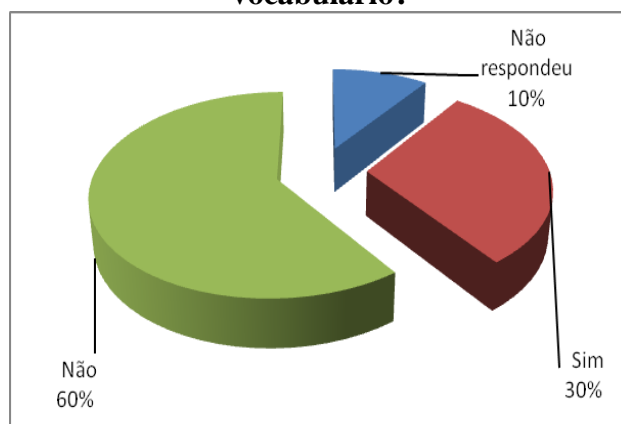


Gráfico 25: Frequência quanto ao estudo do vocabulário

Ler na íntegra uma obra implica compreender todos os signos nela presentes. Para isso, é imprescindível que o aluno seja levado a descodificar o significado do vocabulário contido nos textos com o propósito de o levar a aprender novas palavras enriquecendo o seu vocabulário para que ele possa utilizar a língua de forma correcta e variada em qualquer situação de comunicação, ou seja, fluentemente tanto escrita ou oralmente.

Analisando o **gráfico 25**, pode-se ver que a direcção da escola inquirida não tem estado a propor aos professores trabalharem textos que são ricos em vocabulário e isso se nota quando 60% dos inquiridos afirma que, de facto isso se verifica, embora 30% afirme que sim, que são propostos textos ricos; 10% não respondeu à questão. Sendo a escola uma instituição de ensino que se presa em formar bem os educandos de forma a que eles se desenvolvam profissional e socialmente, pensamos que a direcção deve preocupar-se com esta questão, visto que hoje enquanto a sociedade em desenvolvimento, as necessidades têm que ser atendidas de forma eficaz.

Preocupação da Escola com as actividades de promoção da leitura?

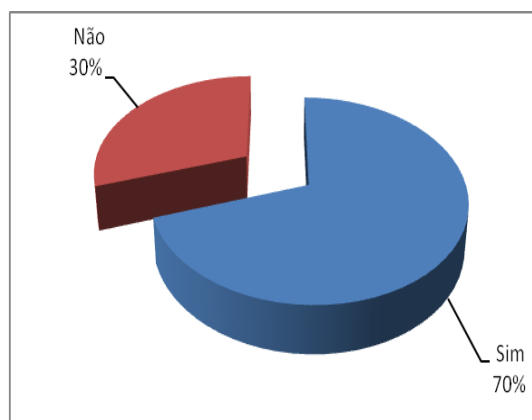


Gráfico 26: Frequência quanto às actividades da leitura

No tocante à promoção da leitura por parte da escola, nota-se que 70% dos inquiridos afirma que a escola se preocupa em promover o acto, e somente 30% é que não.

O ambiente da sua escola favorece a leitura na sala de aula?

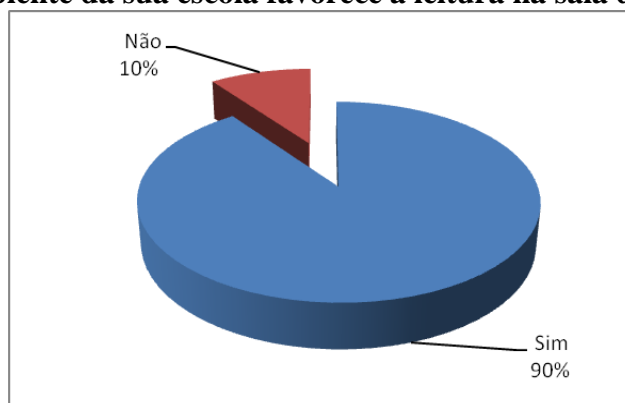


Gráfico 27: Frequência quanto ao ambiente de leitura

Referindo-nos ao **gráfico 26** e cruzando-o com **27** podemos verificar que 90% dos inquiridos afirma que o ambiente da sua sala de aula favorece a leitura e 10% é que não. A leitura deve ser feita num ambiente acolhedor que favoreça a compreensão e a apreensão do sentido do texto, para que deste modo o leitor possa querer muito ir além daquilo que o professor pede ou espera dele, exercitando nele o espírito crítico.

A sua escola tem biblioteca que favorece a promoção da leitura?

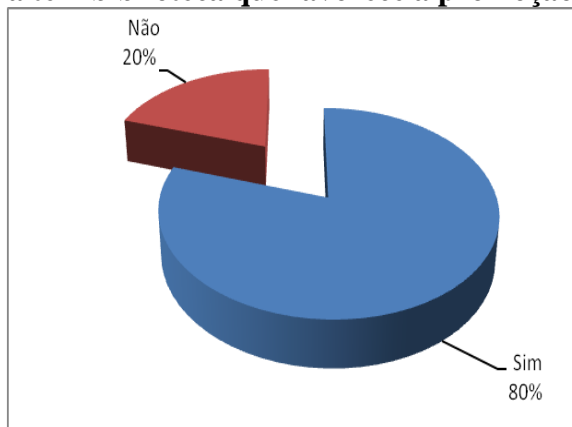


Gráfico 28: Distribuição quanto à promoção da leitura

Quando perguntamos se a escola inquirida favorece o ambiente propício à leitura não só nos referimos ao ambiente da sala de aula, como também à existência de uma biblioteca que privilegia a igualdade de acesso e se possui recursos variados que vão ao encontro das necessidades dos alunos, de forma a promover o desenvolvimento social dos mesmos. No tocante a esta questão de ambiente, 80% dos professores partilha a opinião de que este promove a leitura, pois ele é acolhedor e desperta a curiosidade dos alunos. No entanto, 20% discordam dos colegas. E isso nos deixa com a ideia de que se para uns a escola/discute vem promovendo a leitura, há outros que acham que não, e acreditamos que estes querem investir mais para que essa atitude seja mais significativa.

3.3.3 - Reacção dos alunos quanto à leitura dos contos *Unine* e *O pássaro azul*

O conto *Unine* de Leão Lopes é um conto fantástico e de fácil entendimento para os leitores seleccionados. É uma narrativa que teve um grande impacto na “Turma N” visto que aborda como o amor e a paixão são temas que suscitam muito interesse nos alunos, o que fez com que a professora tivesse alguma dificuldade em gerir a turma. É um conto maravilhoso porque toda a atmosfera está ligada à beleza inconfundível da protagonista, Unine, e também aos seres da natureza, como o Sol, a Nuvem, o Mar, o Corvo e a Ibis. São personagens que têm vida na narrativa e desempenham papéis importantes de modo que o um final feliz não é de se estranhar.

Quanto à identidade, por ser um objectivo fulcral do nosso trabalho, pudémos constatar que o conto *Unine* causou identificação, na medida que as meninas se identificaram com a protagonista, Unine por ela ser muito bonita e os rapazes se identificaram com o Corvo, por ele ser uma das personagens mais corajosas e solidárias, que gostava de ajudar os outros e por se converter num pássaro bondoso.

Houve também muitos alunos que se identificaram com a personagem Sol, por ele abrir mão da amada deixando que ela ficasse com o Homem da luz mágica no olhar e, com esse acto o Sol deixou de ser ciumento.

O conto de Hermínia Fereira, *O pássaro azul-Estórias de encantar*, foi a narrativa com que os alunos mais se identificaram, visto que retrata valores de forma mais explícita e também porque algumas das suas passagens fazem com que os alunos tenham comportamento adequado, por exemplo, quando a Clarinha desobedece aos seus pais, ou seja, saíu de casa contra a vontade deles, o que fez com que os alunos reprovassem o comportamento da personagem. Contudo, houve alguns que se projectaram na Clarinha visto que às vezes também apresentam o mesmo tipo de comportamento. Constatámos ainda que, nessa narração a maioria dos alunos se identificaram com a protagonista, porque quando os pais saíam para trabalhar ela cumpria a sua tarefa, que era cuidar da casa, coisa que muitos desses alunos fazem diariamente

Motivar o aluno para a actividade da leitura é um dos objectivos da pré-leitura, e isso faz-se para que o aluno inicie a leitura com espírito crítico, ou seja, no fim da aula o mesmo poderá confirmar as expectativas tidas durante a actividade de pré-leitura. Estimular o discente a interagir com texto é levá-lo a interpretar o texto, a comentar e a reflectir sobre o mesmo que por conseguinte será uma construção de conhecimento ou da identidade que foi um dos objectivos estabelecidos para a actividade da leitura das narrativas.

Durante as aulas assistidas tivémos a oportunidade de averiguar que antes da leitura a professora sempre estabelece a leitura de contacto com o texto e isso aconteceu em dois momentos: primeiro momento os alunos com a orientação da professora fazem a pré-leitura avaliando a capa, o título. No segundo momento, o da leitura estabelecem a relação entre os elementos paratextuais com o assunto versado na obra, ou seja, viu-se se estes elementos se quadunam com a obra ou não. No que diz respeito à leitura dos contos *Unine* e *O pássaro azul-Estórias de encantar*, todos os alunos chegam à conclusão de que os títulos são reflexos da história narrada. Deste exercício, podemos dizer que houve uma construção da competência e

as habilidades dos alunos fazendo-os alargar os seus conhecimentos, porque essa actividade faz com que as crianças desenvolvem a sua linguagem a partir da partilha de experiência e de exposição de ideias.

No que diz respeito ao assunto do texto verificámos que nas aulas, sob orientação da professora os alunos trabalham o funcionamento da língua respondendo às questões baseadas no texto, interpretam as acções das personagens a partir dos valores retratados nas narrativas, isso porque o conteúdo ou valor foi trabalhado no âmbito da educação para a cidadania de diversas maneiras, o que faz com que esse assunto não passe em branco. Também foi possível aos alunos estabelecer a relação de identidade com as personagens tendo em conta que estas muitas vezes são reflexos da vida deles e isso se passou mais com o conto *O pássaro azul- Estórias de encantar*, visto que este conto não só por ser cabo-verdiano, também aborda temas do nosso quotidiano que são a seca, a fome, a chuva, temas esses que os alunos ouvem diariamente e que a cada dia o homem procura solucionar. A identidade ainda se processou visto que na turma havia alunos de origem rural e o espaço em que a história se desenrola é no campo. A partir da leitura dos contos escolhidos certificamos de que a identidade sempre se processa.

Quanto ao tratamento do vocabulário, percebemos que durante a leitura, este não foi ignorado pela professora. À medida que se fazia a leitura do texto os alunos interpelam a professora com palavras desconhecidas ou vice-versa e esta leva-os a chegar ao sentido literal das palavras partindo do simples para geral ou ainda consultam o dicionário. Esse ponto podemos considerá-lo positivo, visto que este exercício ajuda os alunos a aperfeiçoar e a enriquecer o seu vocabulário.

Após a leitura de contacto constatamos que houve a pós-leitura, em que os alunos oralmente faziam a síntese da aula. Pois, esta actividade significa um momento de confirmação ou não, de expectativa sobre o texto e de reorganização das ideias. Deste modo, a aula passa a ser mais esclarecedora tanto para os alunos como para a professora, ajudando-a a certificar se a aprendizagem ocorreu de forma significativa ou não.

As duas obras infantis cabo-verdianas escolhidas vieram infirmar ou confirmar as nossas pesquisas por serem de natureza formativa, na medida em que retratam valores que ajudam os nossos alunos a integrarem na sociedade e fazem com que eles reipeitem as normas vinculadas pela sociedade. Ajuda as crianças a ampliarem as suas visões, ou seja, a forma de

ver o mundo e a encontrar soluções para resolução de certos problemas pelos quais o mundo está a passar.

3.4.- Estratégias para a promoção da leitura dos contos infantis com os alunos da 3ª fase do EBI como base para a promoção da leitura no 1º ciclo do ensino secundário

Hoje vivemos numa sociedade onde poucos são os pais que motivam os seus filhos a lerem, mostrando-lhes as vantagens que a leitura traz para as suas vidas, atribuindo esse papel ao professor.

Ora, o professor, ao formar alunos leitores está a fazer com que eles tenham competências em lidar com os signos linguísticos, possuam e aumentem o conhecimento, a descobrir o mundo, e a ter também uma postura crítica na sociedade e, consequentemente, sucesso tanto na vida escolar como no seu dia-a-dia. Mas para que tal seja possível, é preciso que o professor trace várias estratégias para motivar os alunos a terem o hábito/gosto pela leitura ou do livro em estudo para assim poderem ser críticos e saber interpretar as varias visões do mundo a partir de textos infantis, usufruindo delas para a compreensão do seu próprio mundo interior.

A escola e a literatura são de natureza formativa, ou seja, estão voltadas para a formação do indivíduo. A literatura resume a realidade social do mundo, o que faz com que o sujeito o conheça melhor, e assim também é o papel da escola, o do alargamento das visões do mundo. Por isso, é fundamental que o professor saiba escolher os textos para trabalhar na sala de aula, textos esses que devem ter uma qualidade estética, sejam adequados à idade dos alunos, à sua cultura, aos seus interesses, que sejam simbólicos e de carácter moralizador; neste caso temos os contos infantis ou infanto-juvenis, que acreditamos serem adequados à faixa etária dos alunos da última fase do Ensino Básico Integrado, e que se ajustam a esse trabalho por ser uma fase em que prevalece o realismo mágico.

É importante que no Ensino Básico os alunos sejam questionados sobre as suas leituras, sobretudo sobre as que são realizadas no espaço de sala de aula, criando neles o hábito de “interrogar o texto”, a partir das categorias de análise a que podem ser sujeitos como: “o quê, como, onde, quando, quem, com quem, porquê...” que são questões que

podem ser facilmente levantadas e que contribuem para uma leitura compreensiva dos textos narrativos.²⁸

É de salientar ainda que o professor, como formador que é, após escolher e (tem a ver com a realidade social do aluno) trabalhar os textos na sala terá que fazer com que o leitor/aluno se situe e mantenha relações com a sua realidade, fazendo sempre exercício de interpretação textual. O docente precisa estar sempre atento às transformações do momento presente, e reorganizar o seu próprio conhecimento, orientado em três direcções principais: o da literatura, como leitor atento, o da realidade social e o do professor, como profissional que é, ao trabalhar os textos na sala, poderá fazer exercícios de interpretação de vários elementos que compõem o texto, e uma delas é levar o aluno a decifrar o assunto abordado pelo autor, verificar se o tema concilia com o assunto versado no texto em estudo ou ainda convidar o aluno a interpretar gravuras, o que não deixa de ser um exercício de desenvolvimento mental.

O hábito/gosto pela leitura tem que ser despertado na escola, para que, posteriormente, esse hábito perdure no ensino secundário como também pela vida inteira no leitor. Uma das estratégias que o professor pode adoptar para despertar esse hábito /gosto pela leitura dos textos infantis é escolher livros com cores vivas, capas ilustrativas que despertem no aluno a curiosidade de ler, e, como se sabe, as cores têm efeitos psicológicos sobre as pessoas; ao utilizá-las de forma correcta acabam por contribuir na construção da identidade dos leitores, na sua forma de expressar, de pensar e de estar, tendo em conta sempre a sua cultura.

As cores exercem uma grande influência sobre as crianças, e não é por acaso que as editoras hoje estão a investir nelas. Isso porque as cores aguçam os sentidos dos mais pequenos e educam-nos. Há cores suaves, delicadas que vêm associadas a determinados desenhos nos livros e que acabam por mudar a forma de pensar da criança. Por isso, é pertinente que o professor invista nos elementos paratextuais dos livros para que ele possa conquistar nos alunos o gosto pela leitura, a capacidade de reflectir, interpretar um texto, posicionar-se criticamente sobre um tema do texto analisado. Fazer leitura a partir de um elemento paratextual que é um ponto fulcral na compreensão do texto, pode ser um bom ponto de partida, e é esse ponto que vamos abordar a seguir.

²⁸ AZEVEDO, Fernando – *Língua materna e literatura infantil*, Edição Lidel, Agosto de 2006

3.4.1- Leitura dos contos a partir dos elementos paratextuais

Na abordagem do “texto literário” é comum a ideia de que a expressão se refere ao conteúdo do texto e não ao seu corpo, para destacar elementos como o título, as epígrafes, as imagens. Muitas vezes são colocados em segundo plano esses elementos do livro e alguns leitores avançam sem lhes dar atenção e reconhecer que também fazem parte ou compõem o texto literário.

O texto literário, diferente do não literário, tem uma dimensão estética, plurissignificativa e de intenso dinamismo, com predomínio de determinada função de linguagem, a poética. É, portanto, um espaço relevante de reflexão sobre a realidade, envolvendo um processo de recriação da mesma, o que também se passa através dos elementos paratextuais que compõem a obra no seu todo ajudando na compreensão da leitura.

Por paratextos entende-se todos os elementos do livro ou de fora do livro, mas que a ele se referem, e que não são o relato. Isto é, trata-se de um acessório do texto que tem as seguintes funções:

- Ajudar o leitor a introduzir-se na leitura, facilitando as primeiras impressões sobre o conteúdo do livro;
 - Funcionar como porta de entrada, de transição e de transação à leitura;
 - Exercer uma acção sobre o público leitor para conseguir que o texto seja bem acolhido e que a leitura deste seja mais adequada, mais pertinente aos olhos do autor e dos seus aliados²⁹.
- Por outras palavras, pode-se dizer que cabe às editoras e às tipografias um importante papel no cumprimento dessas funções na narrativa, tendo em conta que são elas que influenciam na recepção e na compreensão do texto. Papel esse que é produzir textos com letras e capas atractivas, com cores que chamem a atenção do leitor, instigando nele a vontade de compra e o prazer na leitura.

A leitura dos elementos paratextuais é, pois, de extrema importância na literatura infantil, já que o leitor, na fase formativa, pode interpretar texto literário, a partir das informações que estes elementos lhe facultam.

Ler é um processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Para ler, usar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto os nossos objectivos, ideias

²⁹ AZEVEDO, Fernando José Fraga – *Língua materna e literatura infantil*, editora Lidel, Agosto 2006:217

experiências prévias.³⁰ Referimo-nos à interacção pela qual o significado codificado em estímulos visuais por um autor adquire significado na mente de quem lê, ou seja, o leitor. Pois essa interacção inclui três facetas, primeiro constitui-se como um material para ser lido, segundo interpela o conhecimento do leitor e por último tem um impacto nas actividades fisiológicas e intelectuais, de acordo com Teresa Balté (1976:27).

A leitura implica o reconhecimento de símbolos impressos ou escritos que servem de estímulos para a evocação de significados, formados através da experiência passada, e para a construção de novos significados através da manipulação de conceitos já possuídos pelo leitor. Os significados resultantes são organizados em processos de pensamento, de acordo com os propósitos adoptados pelo leitor.

Tal organização leva a um pensamento e ou a um comportamento modificado, ou então conduz a um novo comportamento que ocupa o seu lugar, quer no desenvolvimento pessoal quer no social.³¹

Sendo assim, a leitura passa a ter uma dimensão utilitária, funcional, socializadora, formativa, porque está a permitir que a criança se desenvolva de forma progressiva, tanto como leitora, como enquanto pessoa que também é, construindo deste modo a sua personalidade. Isso porque, proporciona que o leitor desenvolva o seu vocabulário e essa aquisição, segundo Teresa Balté (1976:77) adquire-se através de quatro formas distintas, que são: a fala, a audição, a leitura e a escrita. cremos, então, que a leitura dos textos literários, e não só, permitem que o leitor tenha acesso à cultura, quer científica, quer literária.

O texto literário permite várias leituras, múltiplos olhares e interpretações, visto que ele não é impenetrável. Pode-se dizer que assim também são os elementos paratextuais dos contos infantis, a partir dos quais a criança poderá aprender a decodificar os sentidos e a interpretar as gravuras que vêm explícitas nos textos. Esses elementos acompanham o texto e ajudam o leitor a fazer uma leitura do assunto que está a ser abordado num determinado conto. Portanto, a leitura do conto a partir dos elementos paratextuais pode ser uma das estratégias para a promoção da leitura que o professor pode desenvolver com os alunos na sala de aula, tendo em conta que esses elementos podem esclarecer as dúvidas, contextualizar a história, facilitar e motivar a leitura já que hoje as editoras estão a investir nesse campo, através de capas, texturas e tipo de letras atraentes e atractivas.

³⁰ Fonte: alb.com.br/apoioprof/resenhas/017-estrategias-giassole.asp

³¹ **BALTÉ**, Teresa, *O ensino da leitura I*, editorial Estampa, Lda, Outubro de 1976:27

Contudo, não são todos os elementos paratextuais que são facilitadores da leitura para os alunos de faixa etária entre 9 -12 anos de idade, público por nós seleccionado, por isso convém exemplificar as que mais se coadunam para esta faixa etária, por exemplo: o título, as imagens coloridas e a capa, as ilustrações. Vejamos cada um dos elementos:

a) A Capa

Revestimento inicial de um livro que contém uma ilustração apelativa, sugestiva para a leitura de uma determinada obra.

De acordo com Fernando Azevedo (2006:221) a capa é um paratexto que acolhe mais informação e que se dirige ao comprador antes do leitor, ou seja, ela funciona como anzol, tendo como função atrair a atenção de quem o vê.

Este paratexto é um elemento mais visível e que contém mais informação sobre o livro, como o nome do autor, a imagem que por vezes tem uma relação afectiva ou não com a obra, o ilustrador e a editora, o ano da edição e, por conseguinte, a identidade da obra que é o título. E por ser um elemento muito rico em informações sobre o acto narrado, o professor pode escolher um conto infantil com capa ilustrativa e fazer com que o aluno “leia” o livro a partir da capa, estabelecendo deste modo uma relação entre a imagem nela contida e o título com o assunto tratado no livro.

Hoje, as editoras que oferecem produtos de qualidade e que se preocupam com os pequenos leitores estão a eleger cada vez mais um tipo e um tamanho de letras adequadas, como forma de manter uma oração completa numa página para facilitar a leitura à criança, como afirma Fernando Azevedo (2006:229).

O professor deve ter em conta o tipo de letra ou a disposição das letras nas páginas na escolha de livros infantis. Na óptica do referido autor, esse elemento funciona como um hiperlivro, tendo em conta que o editor quer criar uma identidade visual e material perfeitamente reconhecível. Investir num tipo de letra sugestivo pode contribuir para a formação de um leitor assíduo, que sinta prazer em ler um livro de uma determinada coleção. Assim, cabe aos professores estarem atentos nesse pormenor para que desta forma possam contribuir na formação do gosto pela leitura.

b) O Título

Para Fernando Azevedo (2006:220) o título da obra cumpre diferentes funções: a da identificação, já que a obra adquire a identidade a partir do seu título, funcionando quase como o nome próprio das pessoas; a descrição, quando traz a informação sobre a temática e o género do texto e por último a função conotativa, quando pretende seduzir ou aludir o comprador, neste caso o leitor. Por outras palavras, o título tem que se identificar com a obra em questão, ou seja, tem que ter uma relação de complicidade com a obra para que o leitor não fique perdido no meio da leitura, pois com se sabe durante a leitura o leitor tem sempre a preocupação de fazer a intertextualidade entre o título e a obra/assunto e, caso não existir essa complicidade, a obra em si perde o sentido e desmotiva a leitura.

O título, por ser um elemento paratextual fundamental para a leitura e identificação de um texto, é um elemento através do qual o professor pode fazer um jogo de leitura conduzindo os alunos a imaginarem qual o assunto do texto, visto que o título pode expressar o conteúdo semântico geral e dominante do texto sendo simultaneamente apelativo e informativo.

c) Imagens coloridas

Parte-se do princípio que o homem se inspirou nas cores da natureza para ilustrar os livros, visto que sempre existiu o verde das árvores, o castanho do chão e do tronco das árvores, o azul do céu e do mar, o amarelo do sol, o negro da noite. Sendo assim, podemos afirmar então que a cor sempre acompanhou o trajecto do homem/autor, e de uma forma ou de outra lhe despertou a atenção para o reproduzir e expressar a sua mensagem por meio de uma linguagem simbólica. Apoiando-se nessas cores, o homem/autor passou a apropriar-se, quer das cores suaves ou em forma de contraste, utilizando sempre o movimento das figuras, contidas nos livros infantis, para dar mais vida à narração que permite ou ajuda o leitor a desenvolver o seu pensamento cognitivo e a oralidade.

A cor é de grande importância nos livros para crianças, o colorido dos livros proporciona às crianças o prazer do jogo visual e desperta-lhes a curiosidade. Alguns autores defendem que nos livros infantis as cores devem ser bem vivas e por vezes contrastantes, para que desta forma possa reforçar a alegria ou o bom humor que muitas vezes são sugeridos pelo desenho. Investir nas imagens coloridas pode ser importante para uma maior integração leitor

e texto, isto é, pode fazer com que o leitor se interesse pelo que está a ler e aprofunde mais o assunto abordado no livro.

Por outro lado, permitir à criança a liberdade de desenhar e de colorir, a partir do pensamento, pode ser ainda mais poderoso no processo de aprendizagem e compreensão do texto. É de se realçar que as imagens coloridas são elementos paratextuais que geralmente acompanham os livros infantis, pois elas enriquecem o texto e facilitam a percepção visual das crianças e a memorização do conteúdo, e, deste modo, pode-se dizer que este é um elemento que facilita a aprendizagem, porque é também uma componente fulcral para a compreensão escrita do texto/conteúdo.

A cor nos livros infantis é um factor de grande relevância, dando à imagem a possibilidade de trazer uma informação mais completa da realidade, visto que a natureza é constituída de cores. A mesma dá mais vida ao acto narrado e permite que o leitor faça a leitura do estado do espírito das personagens, do seu progresso ou retrocesso e ainda da sua função dentro da narrativa da qual ela faz parte.

Como se pode concluir, a leitura a partir dos elementos paratextuais possibilita ao aluno desenvolver a sua linguagem oral e fazer uma relação entre a linguagem escrita do próprio texto e entre o título e as imagens. Permite também que o aluno alargue o seu imaginário, ao tentar decifrar o que esses elementos paratextuais estão a dizer, e, se estes têm a ver ou não com o assunto abordado no texto.

As imagens coloridas, quer com cores vivas ou com nuances; os contornos, os movimentos ascendentes ou descendentes das figuras, ou seja, as ilustrações que os autores utilizam nas suas narrativas, acabam por traduzir, de uma forma ou de outra, toda a mensagem escrita dos contos infantis.

d) Ilustrações

A presença de ilustrações e tipos gráficos graúdos, assim como a escolha de um determinado formato e tamanho, enfim, o aspecto externo do livro, são igualmente condições de atracção das obras.

Uma boa ilustração ilumina o significado das palavras da página, permitindo ao leitor progredir mais rapidamente no processo de aprendizagem. A ilustração pode sublinhar a descrição verbal, dando-lhe uma forma concreta. Converte-se, assim, num instrumento de

aprendizagem, único, num instrumento múltiplo, uma vez que uma boa ilustração provoca sempre uma experiência rica no espírito do estudante³².

Para Aldónio Gomes *et al* a leitura das ilustrações constitui uma das preocupações do processo da leitura, porque as ilustrações, como parte do texto, devem ser um factor indispensável para a compreensão da leitura. A leitura das ilustrações constitui um bom exercício da noção de ordem e plano. O mesmo salienta ainda que as ilustrações têm que ter uma relação afectiva com o texto escrito, ou seja, a ilustração não deve ter apenas o aspecto decorativo, sem relação directa com o texto escrito. A ilustração tem a função de reforçar ou alongar a mensagem do texto escrito.

Resumindo, as imagens coloridas servem de complemento da narrativa; as imagens coloridas/ilustrações ajudam o leitor a lembrar melhor a história lida. A imagem faz e sempre fez parte do mundo da comunicação.

3.4.2 – Análise dos elementos paratextuais dos contos analisados

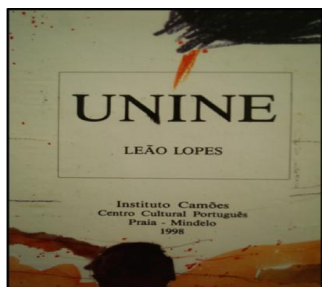


Ilustração 1: Capa do conto Unine

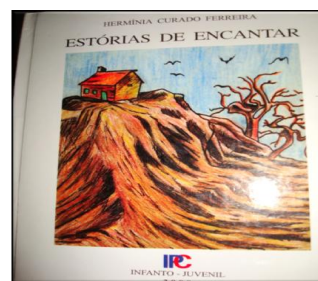


Ilustração 2: Capa do conto Estórias de encantar

Analisando os elementos paratextuais dos contos em estudo podemos verificar que o conto *O pássaro azul - Estórias de encantar*, de Hermínia Ferreira, tem um título muito sugestivo. O mesmo leva o leitor a imaginar que a obra é constituída por um conjunto de contos que encantam, e na verdade, não deixa de o ser, pois, o título corresponde ao conjunto de histórias narradas. É um título destacado por ter uma boa visualidade, e deste modo, chama a atenção do comprador/leitor.

No conto *Unine*, de Leão Lopes, esses elementos estão, também, bem destacados, com o título a coadunar-se com o conteúdo narrado, embora o autor pudesse escolher um outro título mais atraente. O valor deste reside no destaque que dá ao protagonista, apelando

³² BALTÉ, Teresa, *O ensino da leitura II*, editorial Estampa, Lda, Outubro de 1976:113

portanto a uma leitura atenta a confirmar-se mais tarde com a identificação ou não da criança com o personagem principal.

Quanto às imagens coloridas, podemos constatar que em *O pássaro - Estórias de encantar*, de Hermínia Fereira, as mesmas são bem coloridas e contêm ilustrações apropriadas que ajudam o pequeno leitor a compreender melhor as histórias e que lhe permitem, mesmo que não saiba ler, compreender história e contá-la a outrem porque essas ilustrações substituem perfeitamente as passagens narrativa. Já no conto *Unine*, o mesmo não se passa, ou seja, a narrativa contém imagens coloridas com cores suaves apropriadas à faixa etária das crianças, mas não ajudam à compreensão da história porque as mesmas são praticamente quadros pintados que o leitor terá que observar atentamente, isto é lê-los “subjectivamente” para poder chegar à conclusão do que os mesmos significam, pois são reprodução de telas e não ilustrações, mas apropriadas para um público juvenil do que propriamente infantil que ainda não se encontra preparado para leituras deste tipo.

Fernando Azevedo diz que a capa de um livro funciona com um anzol aos olhos do leitor e isso não deixa de ser verdade. Infelizmente o mesmo não acontece com os contos analisados porque as ilustrações dos mesmos não se encaixam ao título. Por exemplo, a ilustração contida da capa de *Estórias de encantar* é uma ilustração que representa a seca, a desertificação, de modo que acaba por não se conjugar com o título da obra e o mesmo também se passa com o conto *Unine* de Leão Lopes, uma vez que Unine é nome da personagem principal do conto e o autor podia colocar na capa a imagem de uma linda menina, o que acabaria por chamar a atenção do comprador/leitor, pois a ilustração não é apenas é um preenchimento da capa, ela é a identidade da obra.

3.5- Estratégias para a motivação da leitura

A leitura é imprescindível à vida humana numa sociedade. Ela permite que o homem tenha sucesso escolar, sucesso profissional, que ascenda socialmente e que tenha autonomia. Por isso, aprender a ler hoje é uma necessidade básica para se poder viver na sociedade. A leitura, como um instrumento que serve para informar ou adquirir conhecimento sobre um determinado assunto ou situação permite que o aluno melhore o seu sistema linguístico e

comunicativo possibilitando-lhe, deste modo, a oportunidade de aprender coisas e alargar a sua cultura.

Através da leitura, podemos esclarecer dúvidas, encontrar a ideia central de uma obra, comparar as ideias, avaliar um conteúdo, entre outros. Contudo, a sua aprendizagem exige um ensino directo, tanto por parte de outrem como por parte dos professores, e uma das estratégias para a motivação da leitura, que o professor pode traçar, é levar para a sala de aula contos atractivos que tenham a ver com a realidade social dos alunos, criando situações de leitura motivadoras, lúdicas e activas, em que os alunos podem dramatizar o conto, ou debater sobre o tema abordado no referido conto, fazendo com que os alunos exponham os seus pontos de vista, ou ainda pedir-lhes que leiam o texto, acompanhando o ritmo da história, fazendo expressões faciais ou orais, de acordo com a história narrada. Dessa forma, o professor acabará por levar os alunos a cultivar o gosto pela leitura dos textos infantis e também o gosto pela participação nas aulas de Língua Portuguesa.

Emíla Amor é de opinião que a leitura deve ser vista como uma actividade autónoma, que promova a compreensão do que se lê, e que, por isso, é preciso ter em conta a entoação e a pronúncia, porque a leitura é usada como actividade e como objectivo de ensino e aprendizagem nas instituições de ensino.

Para Aldónio Gomes *et al*, um professor como motivador da leitura deve assumir um papel importante nesse processo, optando por vias como fazer o aluno sentir o interesse pelos diversos tipos de leitura, no aspecto profissional e pessoal, estimular posições críticas e o exercício de raciocínio, provocar situações em que a leitura se torna necessária, justificando-se quer em momentos de prazer, quer em momento de estudo, levar para a sala de aula uma variada tipologia de textos, de forma a diversificar os horizontes e a forma de expressar, diversificar as formas de contacto com o texto como forma de evitar a monotonia para que assim possa estimular o gosto pela leitura não só no espaço sala de aula como também fora dela.

É preciso que o professor de Língua Portuguesa desperte no aluno o gosto pela leitura, mas para isso é preciso que a leitura se torne numa actividade atraente, que agrade ao aluno como se fosse um jogo.³³ Como forma de promover/motivar o gosto pela leitura do conto infantil é de extrema importância que se opte também pelos tipos de leitura que mais se

³³ **GOMES**, Aldónio, **CAVACAS**, Fernanda *et al* – *Guia do professor de língua portuguesa*, Vol I, 2º nível, Fundação Caloust Gulbenkian / Lisboa (S/d: 37)

adequem à leitura dos contos, de entre os quais a leitura recreativa, expressiva, analítica e crítica.

Entende-se por leitura recreativa aquela que proporciona prazer. E o próprio nome já o diz. Ela não é sinónimo de leitura fácil. Como qualquer modalidade é uma leitura consciente e sistemática. A técnica da leitura recreativa pode desenvolver nos alunos a competência para compreender uma sequência de acontecimentos. Os trabalhos de composição dos alunos podem ser utilizados como auxílio para fazer despertar esta competência.³⁴ Este trabalho acaba por refletir até que ponto os alunos são capazes de uma sequência de acontecimentos, desde o início até à conclusão.

Leitura analítica e crítica é uma modalidade de ordem autónoma, onde se encontram aptidões como: identificar a questão ou problema; distinguir informação essencial das acessórias; identificar o tema ou o assunto do texto; identificar o (s) objectivo (s) do autor; exercer a crítica; identificar motivações de personagens, mas Gomes (2000:53) vai mais além, afirmando que a leitura crítica desenvolve na criança a capacidade de assimilar ideias, de as confrontar com a sua própria experiência e reelaborá-las em confronto com o material de leitura. Isso porque a criança-leitora, a partir dos dez anos, tem capacidade para iniciar um processo crítico relativamente ao texto e à escolha de títulos que lhe permite organizar a sua própria leitura, segundo Mercedes Monzano (1985:46).

Esse tipo de leitura visa formar leitores críticos na sociedade onde se encontram inseridos, e segundo Bruno Bettelheim, os contos ajudam os leitores a encontrarem o sentido para a vida. Unindo as duas coisas, ou seja, levando os alunos a lerem os contos de forma recreativa e crítica estar-se-á a formar a sua visão crítica perante um determinado tema ou assunto e ainda a encontrar, de forma implícita, a resolução de um conflito, de acordo com a sua visão de vida.

3.5.1 – Projectos de leitura

De entre as estratégias possíveis de leitura propomos o desenvolvimento de um projecto de leitura. Este projecto, a ser desenvolvido no Ensino Básico e Intregado, poderá ser

³⁴POTSS, Jonh. (S/d:62). *Leitura e leituras nos ensinos primários e secundários*.

intitulado “***Ler para desenvolver a nossa capacidade de pensar, exprimir e questionar***”. Esse nome justifica-se pelo facto de a leitura ser fundamental tanto na vida escolar, social, como profissional, de um indivíduo. Mas, para desenvolver essas competências é preciso fazer com que as crianças, desde a tenra idade, tenham o gosto e o hábito de ler, fazendo do livro o seu amigo, e não um simples objecto de informação e de ensino-aprendizagem, em que elas terão que aprender as regras gramaticais da língua portuguesa, uma vez que se pode obter isso através da interpretação de textos.

Público-alvo: alunos do 5º ano do EBI

Objectivos gerais:

- Conhecer a panorâmica histórica da literatura infantil de Cabo Verde;
- Aprender a ler e analisar vários aspectos debatidos na ficção infantil que muitas vezes são retratos de realidades de épocas diferentes;

Objectvos específicos:

- Perceber a importância da língua materna (crioula) nos contos cabo-verdianos como parte da nossa identidade cultural.
- Saber reflectir em torno dos valores morais, como solidariedade, amizade, amor, honestidade, sinceridade debatidos nos contos;
- Explorar os elementos paratextuais, como a capa, o título da obra, as ilustrações na hora do conto como tentativa de enriquecer o vocabulário dos alunos;
- Promover a hora do conto semanal ou mensalmente;
- Perceber a importância do conto tradicional cabo-verdiano como elemento identitário;
- Criar na escola uma biblioteca com livros infantis em que no final de cada mês é sorteado um livro para os alunos que mais frequentam a biblioteca;
- Promover visitas orientadas às bibliotecas escolares, sensibilizando aos alunos para a importância que este tem nas suas vidas;
- Aprender a ler e a analisar os elementos paratextuais numa dimensão pedagógica, enquadrados nos vários aspectos e objectivos do programa de Língua Portuguesa;
- Fazer o estudo da gramática, a partir de um excerto de texto, de forma explícita;
- Partir de um excerto para a leitura completa da obra.

3.5.2 - Reconto

Objetivo: desenvolver a capacidade de organizar as ideias de forma lógica

Público alvo: alunos do 5º ano do EBI

A actividade reconto (retelling) consiste em pedir a um aluno que leia uma história e a conte por palavras suas, Jocelyne Giasson (1993:149). Ainda segundo a mesma, o reconto destinava-se à avaliação da compreensão na pesquisa sobre texto e, hoje, esta actividade é utilizada como instrumento de avaliação e meio de intervenção na compreensão.

No ensino, as crianças devem ser levadas a perceber que a leitura tem diversos objectivos e diferentes níveis. Se a leitura for considerada no seu aspecto recreativo, a tónica deve ser o prazer e este será maior se o ensino da leitura for feito de forma activa na escola, como acima referido.

O professor lê ou conta história para os alunos, a seguir solicita aos alunos que façam o reconto da história narrada. Ao proporcionar esta actividade, ele estará a avaliar o aluno e também poderá desenvolver no aluno a capacidade de reorganizar as ideias como também o enriquecimento do vocabulário e as habilidades de reorganizar as ideias e narrar.

Para que estes objectivos sejam cumpridos, o professor, antes do mesmo (reconto) deve dizer aos alunos que este exercício irá fazer com que os outros colegas ou eles mesmos, compreendam melhor a história, ajudando-os a serem grandes narradores. É de salientar ainda que, se o professor constatar que os alunos durante essa actividade apresentam dificuldade em organizar as acções ou sequências narrativas deve fornecer-lhes apoios com perguntas orientadas.

3.5.3. – Introdução de um elemento incongruente

Público-alvo: alunos do 5º ano do EBI

Objectivo: Estimular a inteligência das crianças e o seu gosto artístico.

São apresentadas às crianças algumas palavras-chave do conto *Unine* (mãe; Sol; Lua; Homem da Luz mágica; Corvo; Íbis), assim como do conto *O pássaro azul -Estórias de encantar* (Clarinha; Paulo; pena; azul; burro; galinha; gato, minhoto e entre outros) e é introduzido um elemento por exemplo polícia, extraterrestre, nave, avião, barco, boneca, carro,

que não pertence à história, elemento esse que é alheio ao conto tradicional e é solicitado que as crianças imaginem uma nova história. É de referir que todos os alunos devem produzir a sua história com liberdade total e devem sentir que o conto não é “intocável” e que é possível criarem a sua própria história, fantasiando, adequando-a à sua realidade.

3.5.4. – A hora do conto

Público-alvo: alunos do 5º ano do EBI

Objectivo: Proporcionar aos alunos momentos de lazer.

Propõe-se que esta actividade seja desenvolvida num ambiente acolhedor, dentro do espaço escolar. São contadas aos alunos, duas vezes por semana, histórias infantis que lhes suscitem curiosidade e interesse. O contador de histórias, neste caso o professor, será o responsável por esta actividade. É de referir que o mesmo terá que estar capacitado para contar histórias, ou seja, tem que ter dom para tal. Ele terá que se desprender do texto, fazendo o uso de expressões faciais e corporais, de forma expressiva, adequando o ritmo e a voz à história que conta para que assim ele possa cativar o público ouvinte que, neste caso, são os alunos. Deste modo, pode-se dizer que o responsável por esta actividade tem que ser um actor que combine as expressões com as palavras para proporcionar um ambiente mais acolhedor aos ouvintes. Nessa hora do conto pode-se, como complemento, colocar uma música de fundo.

Ao terminar, o contador de história pede a um ou mais alunos que façam o reconto, ou resumo da história contada, para assim poder certificar se os ouvintes captaram ou compreenderam a história. Em alternativa pode-se convidar alunos/actores que tenham jeito para contar ou dramatizar.

3.5.5 -Criação de uma biblioteca escolar

Público-alvo: alunos do 5º ano do EBI

Objectivo: - Estimular nos alunos o gosto pela leitura nas bibliotecas

- Estimular o gosto pela pesquisa

Segundo Glória Bastos, a escola é um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar de forma cativante. Ela deve ter como objectivo criar leitores activos, e para isso, nada melhor que criar, dentro do espaço escolar, uma biblioteca

escolar, visto que esta é um dos recursos escolares que proporciona aos leitores a integração e a dinamização do processo ensino-aprendizagem. É um complemento da instituição escolar que não dispensa o apoio didáctico e escolar. Contribui para a formação das crianças, para que elas tenham uma aprendizagem permanente e, além disso, proporciona aos leitores a informação, a criatividade e a comunicação com diferentes manuais.

A biblioteca enquanto entidade orientadora de informação, tem a função de fazer o leitor sentir que o livro existe e que o espera para que, de uma forma ou outra, possa tirar bom proveito dele. Apetrechar as bibliotecas escolares, infantis, principalmente, com contos infantis pode estimular, e muito, as crianças a ganharem o gosto pela leitura, pois, a sua formação corresponde a uma necessidade do nosso tempo, visto não existirem mais avós que se interessem pela doce profissão de contar histórias, Meireles (1984:76).

Se o livro é a memória do passado, a testemunha do presente e anuncia a saudade do futuro; se a leitura é um fecundo caminho que nos leva à compreensão do mundo e dos outros; se ler é uma actividade lúcida e lúdica que nos coloca no limiar sentidos³⁵, então a escola deve investir em bibliotecas que proporcionem um ambiente favorável à formação de hábitos de leitura, com espaço acolhedor, organizado, um leque variável de livros e com orientações quanto ao uso e manutenção dos mesmos.

³⁵ **BARTHES**, R. (1974:147), *O grau zero da escrita*, Lisboa. No Seminário, in *Discurso, Escrita, Texto*, Braga. Editora espaço.

Capítulo IV

4.1 – Conclusão

No decorrer do trabalho, pudemos constatar que existem diversos factores que influenciam o interesse pela leitura. O primeiro, e talvez o mais importante, é determinado pela “atmosfera literária” que, segundo Bamberguerd (1977), a criança encontra em casa. A criança que ouve histórias desde cedo, que tem contacto directo com livros e que é estimulada a ler, terá um desenvolvimento favorável no seu vocabulário, bem como uma prontidão na leitura. Do estudo feito, concluímos que:

- O professor, iniciando ou dando continuidade ao processo da leitura dos seus alunos, tem uma grande responsabilidade nesta aprendizagem. Ele tem/deve ser reflexivo e consciente das suas tarefas e responsabilidades, a fim de pôr em prática estratégias variadas e cada vez mais motivadoras e cativantes para que os seus alunos possam interiorizar o prazer e os ensinamentos que o texto infantil proporciona. Para que a criança/aluno desenvolva o gosto e a prática literária, é preciso que ela seja muito estimulada e o professor exerce um papel fundamental nisto;

- O professor que é apaixonado pela leitura faz com que o aluno também o seja, e quando lê com prazer, com volúpia, com entusiasmo vibrante, terá alunos que também serão grandes leitores. Como afirma Piaget, o homem não tem um comportamento inato, como também, as suas atitudes não são resultado exclusivo do condicionamento. O homem na verdade, apresenta um comportamento construído por ele próprio ao interagir com o meio em que vive, e isso podemos verificar através dos valores como o amor, o respeito, a solidariedade, a honestidade, a generosidade e a amizade que são retratados nas obras *O pássaro azul-Estórias de encantar*, de Hermínia Fereira, e *Unine* de Leão Lopes. Apesar de estarmos a viver uma nova era, onde os costumes e a educação não são como de outros tempos, podemos apurar que os autores cabo-verdianos ainda têm a preocupação de abordar valores nas suas obras que não só levam os pequenos leitores a ter contacto com modelos de comportamento, como também os ajuda a formar a sua personalidade;

- A leitura de um texto literário é importante para o leitor, na medida em que amplia a visão do mundo deste, leva-o a encontrar-se e insere-o na cultura letrada. Possibilita a vivência de emoções, permite a compreensão do processo comunicativo da linguagem e favorece o processo de humanização e interacção nas relações sociais do seu tempo;

- A identidade não é algo inato, pois pouco a pouco podemos construí-la. A história e a literatura vêm contribuindo para essa formação, fazendo com que os leitores se conheçam e se identifiquem com as situações narradas que muitas vezes são reflexos de situações do dia-a-dia e partindo da premissa de que com a leitura a criança pode construir a sua personalidade, as propostas das actividades de promoção da leitura dos contos, elaboradas e apresentadas no contexto do estudo de caso que aqui apresentámos, esperamos colmatar algumas das lacunas identificadas.

Trata-se de propostas gratificantes e acreditamos que, com estas actividades, o professor poderá propor momentos de lazer aos seus educandos tornando a leitura uma actividade lúdica e prazerosa para que o aluno possa enriquecer o seu vocabulário, construir a sua personalidade e praticar a cidadania a partir de uma tomada de consciência e será possível a construção de uma base de leitura, com reforço da identidade, que abrirá as portas de uma formação de nível secundário com sucesso.

4.2 - Considerações finais

Entrar em contacto com a prática educacional no Ensino Básico e Integrado foi uma experiência muito positiva na medida em que pudémos constatar que, no universo analisado, a escola e os professores estão a primar por um ensino de qualidade. Preocupam-se em fazer com que os alunos enriqueçam o seu vocabulário, a partir da leitura, partindo do particular para o geral, levando os alunos sempre a reflectirem em torno de temas e a motivá-los a praticarem a leitura, advertindo-os sempre sobre a importância que esta tem na vida, embora o ambiente escolar da escola inquirida não proporcione o desenvolvimento de uma leitura como é devido e a justificação para tal é porque o espaço da sala de aula se encontra danificado e também existem fracos recursos didácticos da biblioteca.

Os professores como educadores que são precisam de conhecer as preferências de leitura dos alunos e traçar estratégias variadas de leitura, nomeadamente dos contos, para que possam conseguir ter leitores assíduos e bons.

Não foi fácil realizar esta pesquisa, visto que os professores desta escola se mostraram resistentes em partilhar as suas práticas, em responder atempadamente aos questionários, em ver as suas aulas observadas, em preencherem os questionários com clareza e dos vinte e três inquiridos houve a colaboração de apenas dez e nem todos devolveram atempadamente os questionários, o que fez com que a análise dos mesmos atrasasse essa tarefa.

A leitura dos inquéritos também não fácil, visto que na cadeira de Novas Tecnologias de Informação não nos foi ensinado a fazer a leitura dos mesmos e tivémos a necessidade de recorrer à ajuda dos amigos, para que tal fosse possível. Por isso, recomendamos que este conteúdo seja leccionado na referida cadeira, tendo em conta que muitos dos alunos, no final de curso, aplicam questionários para confirmarem ou inferirem as suas pesquisas.

Recomendamos também que seja construída uma biblioteca com dignidade na escola onde efectuámos a nossa pesquisa. Quando referimos uma biblioteca com dignidade estamos a querer dizer que essa escola disponibilise uma sala para efectivação da mesma, que apresente um ambiente acolhedor e favorável para a leitura, com espaço organizado e não um “cantinho” improvisado na sala dos profesoires denominado de biblioteca .

Bibliografia

AMOR, E. (2001). *Didáctica do português: fundamentos e metodologia*. Lisboa: Texto Editora.

BALTÉ, T. *O ensino da leitura I*, editorial Estampa, Lda, Outubro de 1976

BALTÉ, T. *O ensino da leitura II*, editorial Estampa, Lda, Outubro de 1976

BAMBERGER, R. (1977). *Como incentivar o hábito de leitura*. Ed. Culturix, S. Paulo.

BARTOLO, P. C. *Psicologia do desenvolvimento e educação para jovens*. Universidade Aberta.

BARTHES, R. (1974), *O grau zero da escrita*, Lisboa. No Seminário, in Discurso, Escrita, Texto, Braga. Editora espaço.

BETTELHEIM, B. (1978), *Les contes de Perrault*, Paris, Éditions Seghers.

BENVENISTE, B.(1974), *Problèmes de linguistique générale*, Paris, Gallimard, Vol.2.

COELHO, B. (1989). *Contar histórias, uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 2ª Edição.

ELIAS, C. P. (Março de 2005). *Promover a literacia da leitura à prática pré-escolar*. Edição Associação de paraflexia cerebral de Coimbra.

Educação intercultural e cidadania (relato de um seminário realizado em 15 de Setembro). (Novembro de 2000). Editora do conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação.

FERREIRA, P. M. (2005). *Identidades étnicas, poder e violência: conflito no Burundi*.

FERREIRA, H. C. (Maio de 2000). *Estórias de encantar* (Instituto de Promoção Cultural - Praia ed.).

FURTADO, C. E. (Junho de 2008). *A literatura infanto-juveni cabo-verdiana no primeiro ciclo do ensino cabo - verdiano - Uma reflexão sobre a situação da leitura na escola secundária de Palmarejo, trabalho de fim de curso defendido no ISE*.

GIASSON, J. (1993). *A compreensão na leitura* (3ª edição ed.). Coleção práticas pedagógicas: Edições ASA.

GOMES, J. A. (1996). *Da nascente à voz, contributos para uma pedagogia da leitura* (2ª edição ed.).

GOMES, A. CAVACAS, F. et al, e. (S/d). *Guia do Professor de língua portuguesa* (Vol. I). (F. C. Gulbenkian, Ed.) Lisboa.

GUERRA, J. A. et al (S/d). *Aula viva do português, 10º ano B*.

LOPES, L. (1998). *Unine*. Praia - Mindelo: Instituto Camões, centro cultural português.

MARTINS, A. et al. (2009). *Educação para a cidadania - Guia de formação dos professores*, 1ª edição.

MASSAUD, M. (1997). *A criação literária*. São Paulo: Culturix.

MEIRELES, C. (1984). *Problemas da literatura infantil*. Editor Nova Fronteira, R.J, 3ª edição.

MONZANO, M. G. (1988). *A criança e a leitura*. Porto Editora.

PAPALIA, D. (2001). *O mundo da criança* (8ª edição ed.). Editora Mcgraw - Hill de Portugal Lda.

Plano Nacional de Acção para os Direitos Humanos e a Cidadania em Cabo verde, 2ª edição, Abril de 2007.

POTSS, Jonh. (S/d). *Leitura e leituras nos ensinos primários e secundários*.

REIS, C. & ADRAGÃO, J. V. (1992). *Didáctica do português*. Universidade aberta.

VASCONCELOS, B. V. (S/d). *A literatura infantil, visão histórica e crítica*. São Paulo: Global editora.

Webgrafia

infantil@graudez.com.br.

www.ufsm.br/lec/02_01/CintiaLC6.htm -50k

WWW2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/identidade.htm

Www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/I/identidade.htm

Anexos

Índice de gráficos

Gráfico 1: Distribuição quanto à zona	39
Gráfico 2: Distribuição quanto ao sexo	39
Gráfico 3: Distribuição quanto à repitência	39
Gráfico 4: Distribuição quanto ao gosto pela leitura.	
Gráfico 5: Distribuição quanto ao hábito de leitura	40
Gráfico 6: Distribuição quanto ao gosto da leitura nas aulas de Língua Portuguesa	41
Gráfico 7: Frequência quanto à leitura	41
Gráfico 8: Distribuição dos alunos que lêem em casa	42
Gráfico 9: Distribuição quanto à tipologia de livros	43
Gráfico 10: Distribuição quanto à solicitação de livros	43
Gráfico 11: Distribuição dos pais que oferecem livros aos filhos	44
Gráfico 12: Frequência dos pais que oferecem livros aos filhos	45
Gráfico 13: Último livro lido	45
Gráfico 14: Motivos da leitura	46
Gráfico 15: Distribuição quanto à leitura de <i>Unine</i> e <i>Estórias</i> de encantar	47
Gráfico 16: Distribuição quanto à motivação da leitura. Gráfico 17: Distribuição quanto à simpatia dos textos trabalhados na sala de aula pelo professor	48
Gráfico 18: Distribuição quanto à ocupação dos tempos livres	49
Gráfico 19: Frequência quanto ao gosto pela leitura	51
Gráfico 21: Distribuição quanto à preferência	51
Gráfico 20: Distribuição quanto ao respeito das preferências	51
Gráfico 22: Frequência quanto ao respeito pelas preferências	53
Gráfico 23: Frequência quanto à metodologia de exploração de textos	53
Gráfico 24: Frequência quanto à valores	54
Gráfico 25: Frequência quanto ao estudo do vocabulário	55
Gráfico 26: Frequência quanto às actividades da leitura	56
Gráfico 27: Frequência quanto ao ambiente de leitura	56
Gráfico 28: Distribuição quanto à promoção da leitura	57

Questionário - professor

I - Identificação pessoal e profissional

1. Ano de escolaridade em que lecciona _____
2. Nível académico-profissional _____
3. Anos de serviço _____
4. Possui formação adequada para os níveis em que lecciona? Sim ____ Não ____
5. Se sim, em que ano é que se formou? _____

II – Conhecimentos sobre o aluno

6. Os seus alunos gostam de ler? Sim ____ Não ____
7. Conhece a preferência dos seus alunos? Sim ____ Não ____
8. Que tipo de textos preferem os seus alunos? _____
9. Costuma respeitar essas preferências? Sim ____ Não ____
10. Se sim, com que frequência? Sempre ____ Raramente ____
Às vezes ____ Nunca ____

III – Estratégias utilizadas para exploração dos textos literários

11. Que estratégias pensa ser mais adequadas para a exploração de textos literários?

Porquê?

_____.

12. Nas reuniões de coordenação discutem-se metodologias para exploração de textos?
Sim ____ Não ____

13. Os textos que escolhe são direccionados para trabalhar valores? Sim ____ Não ____

14. Trabalham com os alunos na vertente da educação para a cidadania? Se sim como?

- 15.** Os textos que a Direcção da escola estabelece para serem trabalhados são ricos em vocabulário? Sim ____ Não ____.
- 16.** Na escola onde lecciona existe alguma preocupação com as actividades de promoção da leitura? Sim ____ Não ____
- 17.** O ambiente da sua escola favorece a leitura em sala de aula? Sim ____ Não ____
- 18.** A sua escola tem uma biblioteca que favoreça a promoção da leitura?
Sim ____ Não ____

Muito obrigada pela sua colaboração

Questionário - alunos

1. Identificação

- a) Idade ____ Sexo ____ M ____ F ____
b) Morada _____

1. Situação Escolar

- a) Ano de escolaridade _____
b) Já alguma vez repetiste de ano? Sim ____ Não ____

2. Situação Familiar

- a) Quantas pessoas vivem na tua casa? _____
b) As pessoas com quem vives têm habilitação escolar? Sim ____ Não ____
c) Qual é a profissão do teu pai? _____.
d) Qual é a profissão da tua mãe? _____.

3. Condições sócio-económicas

- a) Tens livros em casa? Sim ____ Não ____.

3.1 - Que tipos de livros?

- a) Livros escolares ____ b) Dicionários ____ c) Banda desenhada ____
d) Contos tradicionais ____ e) Livros de contos ____
e) Outros tipos de livros ____

- a) Tens Internet em casa? Sim ____ Não ____
b) Se sim, lêes na Internet? Sim ____ Não ____
c) Costumas pedir livros aos teus pais? Sim ____ Não ____
d) Se sim, com que frequência? Sempre ____ Raras vezes ____ Às vezes ____
Nunca ____
e) Os teus pais oferecem-te livros? Sim ____ Não ____
f) Se sim, com que frequência? Sempre ____ Raras vezes ____ Às vezes ____
Nunca ____

4. Dados sobre a leitura

a) Gostas de ler? Sim ____ Não ____.

b) Se não,

porquê? _____
_____.

c) Tens o hábito de ler? Sim ____ Não ____

d) Se sim, qual o último livro que leste? _____.

5.1 - Com que frequência lêes?

a) Todos os dias ____

b) Às vezes ____

c) Raramente ____

d) Apenas no espaço escolar ____.

5.2 - Lêes para:

a) Aprender mais ____

b) Tirar apontamentos ____

c) Divertir ____

d) Compreender a matéria ____

6. Dados sobre a leitura dos textos

a) Já leste *Unine* ou *Estórias de encantar* (O pássaro azul)

_____.

b) O que sabes sobre esta história? _____

_____.

7. Dados sobre a leitura nas aulas de língua portuguesa

a) Gostas de ler nas aulas de Língua Portuguesa? Sim ____ Não ____

b) É o teu professor que te incentiva a ler? Sim ____ Não ____

c) Gostas dos textos que o teu professor trabalha na sala de aula? Sim ____ Não ____

7.1 - O que mais gostas de fazer nos teus tempos livres?

a) Ler ____

b) Ver televisão ____

c) Brincar ____

Muito obrigada pela tua colaboração

Guião de assistência de aula

Observadora:	Ângela	Lopes	Ensino Básico Integrado
Curso:	ECVP		
Professor (a):			Escola Central de Tira Chapéu – Praia
Disciplina:	Língua Portuguesa		Concelho da Praia
Conteúdo			

1. Conhecimentos científicos

	1	2	3	4	5	Observação
Utiliza linguagem adequada ao nível de ensino	x					
Relaciona a temática com a realidade do aluno	x					
Estimula o gosto pela leitura	x					
Reconhece o aluno como sujeito interventor na construção do conhecimento					x	
Explora o vocabulário					x	
Domina os conhecimentos científicos				x		
Adapta os conteúdos a diferentes disciplinas				x		

2. Actividades

	1	2	3	4	5	Observação
Propõe tarefas variadas e adequadas	x					
Fomenta participação dos alunos nas actividades escolares			x			
Apresenta flexibilidade na adaptação das estratégias às situações de aprendizagens	x					
Reconhece o aluno como sujeito interventor na construção do conhecimento					x	

3. Comunicação

	1	2	3	4	5	Observação
Estabelece uma relação de empatia com os alunos			x			
Utiliza uma linguagem clara e concisa			x			
Fomenta a participação dos alunos na aula	x					
Formula adequadamente as questões						
Reformula as questões, caso os alunos não compreendam	x					
Estimula os alunos a procurarem significados dos vocabulários que lhes são difíceis			x			
Facilita o aluno através das perguntas de interpretação e exemplos práticos a decodificarem os vocabulários	x					
Após a leitura do texto tira conclusões moralistas da história	x					
Após a leitura do texto leva os alunos a identificarem os valores contidos na história	x					
Facilita os alunos a opinarem sobre esses valores	x					
Incentiva os alunos a terem o gosto pela leitura			x			

4. Em ritmo da aula

	1	2	3	4	5	Observação
Respeita os diferentes níveis de aprendizagem	x					
Gere adequadamente o espaço	x					
Gere adequadamente o tempo da aula		x				

5. Ambiente de trabalho

	1	2	3	4	5	Observação
Motiva os alunos						
Gere adequadamente situações de tensão, conflito e indisciplina	x					
Proporciona um bom clima de trabalho	x					
Clarifica e promove valores sociais			x			

1 – Sim; 2 – Não; 3 – Sempre; 4 – Nunca; 5 – Às vezes.